



o **MINISTÉRIO** ADVENTISTA



ANO 22

SETEMBRO-OUTUBRO DE 1956

Nº. 5





A Pregação que Conquista Almas

Vossas pregações conquistam almas? Após uma série de conferências perguntaram ao evangelista sobre os resultados. "Adverti três mil almas", foi a resposta orgulhosa. Percebendo que uma pergunta a mais podia resultar em embaraços, o interlocutor foi bondoso em não fazer outras perguntas.

Jonas estava provavelmente contente por pregar, mas fez mais, sua pregação conquistou uma cidade! Seu temor ao ser bem sucedido em pôr uma cidade de joelhos desafia análises à luz do pensamento moderno. Verdadeiramente ele mantém o recorde de séries de conferências de seis semanas, bem sucedidas!

Produzir cristãos que sustentem a igreja e sejam tementes a Deus, é o objetivo de todo o nosso ministério. Somos chamados para um propósito mais alto do que meramente pregar como trovões os juízos de Deus. Dentre todas as pessoas, devemos ser mensageiros da Sua graça.

A mensageira do Senhor insistiu em que devemos ser os vanguardeiros da cristandade, arautos de Cristo e de Sua redenção:

"De todos os profetas cristãos, devem os adventistas do sétimo dia ser os primeiros a levantar a Cristo perante o mundo... O grande centro de atração, Cristo Jesus, não deve ser deixado à parte." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 152.

Pela bondade de Deus, pela revelação de Sua amorável benignidade e terna misericórdia, é que os homens são levados ao arrependimento (Rom. 2:4). Então, tudo que Jonas pregou acerca do juízo, deve ter sido um apêlo. Repetidas vezes, no diário de João Wesley, vemos expressões tais como: "Hoje à noite ofereci Cristo ao povo". Diz Paulo: "Assim que, sabendo o temor que se deve ao Senhor, persuadimos os homens." Não diz *atemorizamos*, mas *persuadimos*. O sermão que descreve a justiça de Deus e revela Seu amor é a pregação que conquista almas. — *Earl E. Cleveland*.

Um Plano Equilibrado

SÃO Paulo deixou muitas instruções interessantes para o jovem ministro Timóteo. No capítulo 4, versículo 5 de sua segunda epístola ao jovem amigo, expressa ele o seguinte: "Mas tu sê sóbrio em tudo... cumpre o teu ministério."

Segundo entendo, com estas palavras, e de maneira apropriada, o apóstolo São Paulo fez ver a Timóteo sua missão. Disse-lhe que em sua qualidade de obreiro cristão, se quisesse cumprir *bem* o seu ministério, devia ser vigilante em tudo.

Ao estudarmos cuidadosamente a vida de São Paulo, notamos que o grande apóstolo dos gentios exerceu esta vigilância em todos os ramos de seu trabalho. Em II Cor. 11, depois de descrever seus trabalhos, termina ele dizendo, no versículo 28: "além das coisas exteriores... o cuidado de todas as igrejas." São Paulo foi obreiro cristão que seguiu um plano de trabalho bastante equilibrado. Suas epístolas revelam-lhe o interesse por todas as atividades das igrejas.

Ao examinarmos o ministério do Senhor Jesus, encontramos que também Ele está impregnado do mesmo princípio. O Salvador dedicou Sua atenção a uma grande variedade de assuntos e a diversas atividades. Seu ministério caracterizou-se por Seus ensinamentos, pregação e curas. Jesus prestou a devida atenção a todos os aspectos da obra. Não descuidou ramo algum pouco desejável em troca de outro que Lhe atraísse as preferências.

O obreiro cristão de hoje também deve ter um plano de trabalho bem equilibrado. Entretanto, alguns se interessam apenas pela obra pastoral e descuidam o evangelismo. Nossos ministros devem dar lugar, em seu plano de trabalho, para todos os ramos da obra. É erro da parte de um ministro ter interesse apenas pelo evangelismo ou pela obra pastoral, sem cooperar também com o ministério dos Departamentos. Existem obreiros que há muito não animam um irmão da igreja para ingressar na colportagem. Em nossas igrejas, há jovens que precisam ser aconselhados a freqüentarem nossos colégios e prepararem-se para o ministério. Ao fazerem-se um plano de trabalho equilibrado, cumpram nossos ministros com a recomendação de São Paulo, de serem vigilantes em tudo e cumprirem *bem* o seu ministério.

Como obreiros cristãos devemos, também, prestar atenção ao nosso plano de estudo. As vezes nos sentimos inclinados para a história e descuidamos as demais disciplinas do saber. Há quem diga: "Apreço muito a arqueologia" ao passo que seguem um plano de estudos que exclui a História Natural, matéria utilíssima para a preparação dos sermões. Por outra parte, alguns enchem seus sermões de argumentos e idéias, sem pensarem em espiritualizar as lições da Bíblia. Também existe o perigo de furtar tempo à meditação. Tenhamos presente, ministros e obreiros cristãos, que nosso plano de trabalho deve ser equilibrado.

Em nossa vida privada também há muita margem para o equilíbrio. As vezes dedicamos todo o nosso tempo ao ministério e descuidamos a família.

Outras vezes não tomamos tempo para as relações sociais. As reuniões de sociedade, em que se conversa em diferentes assuntos da vida, enriquecem as relações dos seres humanos. Conquanto estejamos muito ocupados, dediquemos tempo para estas atividades que são edificantes em muitos sentidos.

Nossos ministros e obreiros devem ter também o senso equilibrado da necessidade do progresso da obra noutros campos, União e Divisões. Certa vez passei três semanas num país, assistindo a uma série de reuniões. Durante a minha estada ali me chamou grandemente a atenção a circunstância de que nas orações feitas nessas reuniões nunca foi pedido a Deus que abençoasse a obra do Evangelho noutro



Órgão publicado bimestralmente pela
 Associação Ministerial da Igreja Adventista do
 Sétimo Dia
 Editado pela
 Casa Publicadora Brasileira
 Santo André, São Paulo
 Gerente — Bernardo E. Schuenemann
 Redator responsável — Luiz Waldvogel
 Redator associado — Rafael de A. Butler
 Colaborador especial:
 Walter E. Murray

NOSSA CAPA

Sob a presidência do pastor Ernesto Roth, a Associação Espirito-Santense foi enriquecida de uma bela igreja, em Vitória, que acomoda, também, os escritórios da obra ali.



ANO 22

Nº. 5

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

<i>A Pregação que Conquista Almas</i>	2
<i>Um Plano Equilibrado</i>	2
<i>Dedicatória</i>	3

ARTIGOS GERAIS

<i>Conjugação de Esforços na Vida, Cap. XIV — Encarar a Saúde de Forma Cristã</i>	4
<i>Seu Mais Elevado Trabalho</i>	7
<i>Em que Consiste a Verdadeira Religião — I</i>	8
<i>Cronologia de Esdras 7—VIII Parte, Apêndice</i>	10
<i>Jesus, Deus e Salvador</i>	15

OBRA PASTORAL

<i>O Preparo do Sermão</i>	16
<i>O Estudo Pessoal da Bíblia</i>	18

OBRA PASTORAL — A PASTORA

<i>Sois Espôsa de Aspirante ao Ministério?</i>	19
<i>A Espôsa do Ministro</i>	19

CONSELHO DO ESPÍRITO DE PROFECIA

<i>Privilégios e Responsabilidades da Espôsa do Ministro</i>	22
--	----

NOTAS E NOTÍCIAS

<i>A Segunda Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas</i>	24
--	----

Dedicatória

W. E. MURRAY

O PRESENTE número de *O Ministério Adventista* é dedicado especialmente à mulher adventista. Apreciamos muito os abnegados esforços realizados por nossas irmãs, quer na obra bíblica, nos escritórios, nos hospitais, no magistério, na obra de beneficência das sociedades "Dorcas", na escola sabatina; quer no seio da família ou noutras atividades. A mulher ocupa lugar bem definido no movimento adventista. A igreja cristã primitiva teve suas Priscilas, Febes, Lídias e Marias, que contribuíram grandemente para o progresso da obra de Deus. Desejamos imitar o exemplo da igreja primitiva no animar nossas irmãs a continuarem tomando parte ativa nas atividades da igreja, bem como agradecer-lhes pelo trabalho feito com tanta dedicação e êxito.

Na América Latina temos muitos exemplos de serviço abnegado da parte de nossas irmãs. Muitas delas exercem atividade rotineira em nossas organizações, cumprindo fielmente seus deveres ano após ano. Outras têm responsabilidades em nossas igrejas. Ainda outras têm ido, acompanhadas de sua família ou sós, de um país para outro a fim de aí trabalharem na obra do Senhor. Desejamos que todas tenham bom ânimo e perseverem até ao fim na graça do Senhor e na obra cristã. Em homenagem a todas, publicamos este número.

Seu Trabalho é Necessário

"As mulheres podem ocupar na obra o seu lugar, nesta crise, e o Senhor operará por intermédio delas. Caso se achem imbuídas do senso do dever, e trabalhem sob a influência do Espírito de Deus, serão senhoras de si mesmas como é necessário neste tempo. O Salvador refletirá sobre essas abnegadas mulheres a luz de Seu rosto, e isso lhes proporcionará um poder que ultrapassará o dos homens.

Elas poderão efetuar nas famílias uma obra que eles não podem realizar, uma obra que atingirá a vida interior. Podem chegar bem perto do coração daqueles que os homens não podem atingir. Seu trabalho é necessário." — *Test. Sel.*, [Edição Mundial] Vol. II, págs. 404 e 405.

lugar que não esse país. Não devemos limitar nossas orações em prol da obra de Deus a um único campo nem a uma só igreja. Doutrina aceita por todas as denominações é que o Evangelho deve ser pregado em todo o mundo. Tenhamos, pois, equilíbrio também em nosso conceito da importância da pregação da mensagem da salvação em todo o mundo, além de em nosso próprio campo ou pátria. "Mas tu sê sóbrio em tudo . . . cumpre o teu ministério". — W. E. M.

ARTIGOS GERAIS

Conjugação de Esforços na Vida

ARTUR L. BIETZ

(Pastor da Igreja White Memorial)

Capítulo XIV — Encarar a Saúde de Forma Cristã

JESUS disse ao escriba que perguntou qual era o mandamento mais importante: "O primeiro de todos os mandamentos é: Ouve Israel, o Senhor nosso Deus é o *único* Senhor. Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu *coração*, e de *tôda* a tua *alma*, e de todo o teu *entendimento*, e de *tôdas* as tuas *fôrças* este é o primeiro mandamento."

Deus é uno, e como o homem foi criado à imagem de Deus, também é uno. Quando se fala do coração, entende-se a vida emocional; a alma refere-se à experiência da vontade; a mente simboliza a faculdade do raciocínio; a fôrça abrange a energia física.

O homem foi criado como um instrumento harmonioso que manifesta a unidade de Deus. Como expressão original que era da vontade de Deus, constituía uma unidade, uma ação recíproca harmoniosa. Suas emoções, Sua vontade, Sua capacidade de raciocínio e Sua energia formavam um conjunto majestoso. Tôdas as faculdades da vida se condensaram em uma simples expressão da glória divina. Nesse estado de pureza, manteve-se o homem em comunhão perfeita consigo mesmo, com a Natureza, com os demais seres criados e com Deus.

O pecado produziu a divisão da vida. A interrupção da amizade com Deus refletiu-se na inimizade entre os homens. Deus era a fonte da unidade no homem, porque unia as partes recíprocas em um todo harmônico. Quando Eva buscou o conhecimento fora dos limites impostos por Deus, a capacidade de raciocínio voltou-se contra a necessidade de comunhão espiritual. A carne buscou a satisfação de seus desejos. A vontade ficou privada da faculdade de realização. A inimizade entre a carne e o espírito foi conseqüência do pecado.

O apóstolo Paulo fala do conflito interior com o pecado: "Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço. Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim. . . Mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros." (Rom. 7:19-23.) O pecado é o destruidor da unidade do homem e o provocador da revolta interior.

Podemos imaginar o homem como instrumento de comunicação. Está dotado de órgãos sensitivos: os receptores; de órgãos atuantes: os transmissores; e dos transmissores internos, as vias nervosas e químicas que se dirigem ao cérebro, o centro do grande sistema de comunicação. Os órgãos sensórios estão distribuídos desde a cabeça até aos pés, na

superfície externa do corpo e nos órgãos internos. O homem foi criado com a faculdade de comunicar-se com Deus, consigo mesmo, com seus semelhantes e com a Natureza; mas o pecado interrompeu o sistema de comunicação.

Ao passo que Deus é o grande unificador da vida, Satanás pugna por dividi-la e destruí-la. Se a comunicação com Deus houvesse sido mantida intacta, jamais se teria produzido a morte física. A enfermidade resulta da divisão interior do homem. Ao perguntar Jesus ao endemoninhado qual era o seu nome, respondeu êle: "Meu nome é Legião". Eram muitos em lugar de um. A mulher que disse: "Creio que não serei capaz de reunir as partes de minha vida", expôs o problema básico de sua existência.

Atualmente se conhecem vários sistemas de cura incompleta. Qualquer tentativa de curar em forma parcial perpetua a divisão que o pecado produz e agrava a discórdia, porque ignora o todo. Os neurólogos querem reparar o sistema de comunicação do ponto de vista técnico e físico; o pastor, o psicólogo e psiquiatra, por outro lado, procuram restaurar a capacidade de comunicar-se que o homem possui do ponto de vista mental e sentimental. O médico que atende unicamente o corpo e ignora as demais esferas da experiência humana, não é verdadeiro curador. De pouca utilidade é concertar a câmara de ar se se deixa o prego no pneumático, pois causará danos posteriores. Pôr certa parte do homem em condições de lutar com maior eficiência contra outras partes da vida, não é sarar; não passa de fortalecimento das partes para prolongar a luta.

Quando Satanás se aproximou de Jesus para tentá-Lo no deserto, apresentou-Lhe verdades parciais. Pediu-Lhe que preservasse o corpo para o milagre de criar pão. Jesus não consentiu, porque a vida é mais que simples existência física. Com o desafio para que se lançasse do alto do templo quis enfrentar as leis espirituais com as leis físicas. Ao tentá-Lo a ceder ante a glória dos reinos do mundo para alcançar projeção social e honra, longe da adoração do Deus verdadeiro, Satanás desprezava a natureza da significação cabal da vida. Apেলou para a legitimação das necessidades parciais, mas Jesus recusou submeter-Se ao impulso de uma parte que se opunha à verdade do todo. O pecado é a satisfação impulsiva de uma necessidade parcial em oposição à reciprocidade do todo.

Os que pretendem curar unicamente por meio da mente, são tão parciais quanto os que querem fazê-lo só pelo corpo. Uma teoria religiosa muito

difundida busca a cura de tôdas as enfermidades através da mente. Quem sustêm esta opinião afirma que a mente é a única realidade essencial. Semelhante conceito é parcial e divisório; perpetua a separação que produz o pecado.

Certos psiquiatras propõem o conceito de que tôdas as fontes do conflito residem nas emoções deformadas da vida. Procuram averiguar tôdas as experiências emocionais da infância e da vida posterior para explicar a enfermidade da mente e do corpo. No intento parcial de curar pelas emoções, também ignoram a significativa unidade da vida.

Pastôres há que fazem oposição ao uso dos métodos psiquiátricos, físicos e psicológicos para a cura das enfermidades. Dizem assim: "Existe só uma resposta, que é a religião. Os homens necessitam de auxílio espiritual. Nisto e unicamente nisto consiste o auxílio exequível." Tais pastôres também ignoram o todo e são tão culpáveis de perpetuar a separação produzida pelo pecado, como o são os outros métodos unilaterais tentados na cura.

A enfermidade não consiste unicamente na separação das várias partes vitais, mas também no fracasso dessas partes ao quererem relacionar-se corretamente umas com as outras. Algumas vêzes é mais importante determinar que espécie de pessoa tem o germe, do que a espécie de germe que a pessoa tem. Muitos há que lastimam não mais haja milagres. Semelhante atitude pode provir somente dos que definem os milagres em termos de uma parte da vida, ao passo que ignoram a intervenção entrelaçada de tôdas as disciplinas curativas. Em 1850, o termo médio da vida humana era apenas de quarenta anos; hoje, entretanto, chega a uns setenta anos. Únicamente quem possui conceito limitado do que é milagre, poderá deixar de ver as maravilhas das curas milagrosas da atualidade.

A união da ciência e da religião efetua-se através do conceito do homem como uma unidade. A ciência e a religião continuarão em luta, exigindo a resposta final, tanto quanto se perpetue a divisão entre as várias partes do ser humano. A essência da cura cristã reside no conceito da unidade da vida. O homem não é só corpo, só mente, só emoções, ou só espírito; não é um cadáver potencial a que se une frouxamente um espectro. O homem é uno; a mente, o corpo e o espírito são meras expressões dessa unidade.

Cura, portanto, significa o processo de restaurar a perdida harmonia que impede qualquer parte do ser — corpo, mente, ou espírito — de desenvolver-se com perfeição em seu meio ambiente. A mente, o corpo e o espírito são cumes de uma mesma montanha. Quem escala apenas um dos cumes e nêle permanece, não consegue conhecer a natureza da vida que é o fundamento de toda a estrutura. Como é insensata a luta dos psicólogos e psiquiatras contra médicos e pastôres! Como é absurdo que essas disciplinas parciais se guerreiem umas às outras salvaguardadas pelo púlpito de suas atividades especializadas! Ao erguer-se a névoa, êsses homens verificarão que a cooperação sincera é o único caminho para a cura verdadeira e completa de seus pacientes.

Devemos compreender a montanha que unifica a vida. Todos os cumes da verdade devem considerar-se como pertencentes à base de uma mesma montanha. A luz divina que refletem todos os

cumes é o próprio Deus. Deve o homem colaborar com Ele. Podemos vendar um ferimento, mas só Deus pode curá-lo.

As chagas do pecado são ferimentos profundos devidos à interrupção das comunicações. A chaga do *cinismo* é o fracasso da mente para comunicar-se com Deus. A *solidão* é uma lesão produzida pelo afastamento de Deus pelo homem. A *ansiedade* feriu profundamente a vida, pela incapacidade do homem de dar e receber amor. O *abatimento* é outro ferimento que resulta da falta de inspiração e propósitos. A *culpa* acompanha o sentimento de separação, e o *ódio* é um câncer conseqüente da falta de agradecimento, da obstrução dos desejos.

Êstes profundos ferimentos da mente e do espírito refletem-se em toda a vida e reclamam cura. Todos os processos físicos são direta ou indiretamente determinados por estímulos mentais e emocionais. A física, aristocrata das ciências naturais, sofreu grande modificação nos seus conceitos fundamentais, pondo em dúvida os próprios alicerces materiais da ciência numa época em que a Medicina não tolerava nada que lembrasse os valores espirituais. Entretanto, atualmente, êstes conceitos estão modificando-se. Os médicos começaram a interessar-se pelos homens e não unicamente pelos órgãos humanos. Produziu-se uma troca do ponto de vista analítico para o sintético. A verdade de que a vida é um todo, é um dos fatos mais fundamentais que descobrimos. Este conceito começou a revolucionar o ministério da cura em todos os seus ramos.

Todos os pensamentos e emoções estão acompanhados de alterações fisiológicas. A tristeza produz choro; a diversão causa hilaridade. Quando alguém ri, todo o corpo participa; ao chorar, todo o ser é afetado. A vergonha produz a resposta física do rubor, ao passo que o temor aumenta os batimentos do coração. Os pensamentos e as emoções têm influência no sangue e no metabolismo. A deseseparação traduz-se por inspirações e expirações profundas. Os pensamentos e os sentimentos não ocorrem no vácuo, mas no organismo físico.

Todos os lamentos por enfermidade: física, mental ou emocional, originam-se em dificuldades da faculdade de comunicação. A lesão espiritual produzida pela falta de harmonia com Deus conduz a transtornos físicos que devem ser tratados por médicos. O cepticismo, a solidão, a ansiedade, o abatimento, a culpa e o ódio são sintomas da incapacidade de dar e receber amor. Ao vacilar alguém entre tendências egoístas e tendências altruístas e ficar entravado por ambas, a energia aniquila-se e produzem-se desordens emocionais, físicas e mentais.

Quando o homem é incapaz de comunicar-se harmoniosamente com Deus, com os demais homens e consigo mesmo, o corpo despedaça-se. Igualmente certo é que a mente e as emoções podem transtornar-se em seu funcionamento, como resultado do menoscabo físico. Não se trata de tomar estas coisas separadamente, mas de estabelecer quanto de uma e de outra entra em um processo progressivo de adaptação.

Em que forma procederão os curadores cristãos para curar os ferimentos da mente e do espírito que se refletem nas desordens do corpo? A ferida do cepticismo cínico deve ser curada com a fé. A fé cristã é a resposta de todo o ser — do pensa-

mento, dos sentimentos e da vontade — para a atuação de Deus por meio de Cristo, por cujo meio o homem entra em amizade pessoal e consciente com Deus. Um aluno do decano Inge, disse: “A fé consiste em crer o que se conhece como verdadeiro.” “Melhor dito — acrescenta o decano — é a resolução de permanecer firme ou ceder em favor das hipóteses mais nobres”. A fé não é fruto da força de vontade. A fé é o descobrimento do que capacita o homem para suportar qualquer coisa que possa acontecer.

Curamos a ferida da solidão com a oração, a adoração e o companheirismo com os demais filhos de Deus. Idênticamente aos metais que se não fundem em temperaturas baixas, mas sim em temperaturas elevadas e produzem uma liga mais resistente que os componentes separados, também as personalidades dos discípulos se fundem no crisol da amizade com seu Mestre. “Tôdas as coisas subsistem por Ele”. (Col. 1:17.)

Já no quarto século AD, Juliano o apóstata acusava os cristãos de fazerem prosélitos alimentando e auxiliando os enfermos. Disse ele: “Estes galileus ímpios entregam-se a esta espécie de filantropia; como os homens atraem as crianças com um pedaço de bôlo, também eles . . . atraem conversos para a sua impiedade. . . . Agora podemos ver o que torna êsses cristãos inimigos tão intensos de nossos deuses. É o amor fraternal que manifestam aos desconhecidos, enfermos e pobres.” Este método cristão, de socorrer os enfermos — usado já nos albores da igreja — deve reviver na verdadeira cura.

Curamos a ferida da ansiedade com a segurança, inspirada mediante a compreensão, a simpatia e o aprêço. Ao manifestar-se amor aos enfermos e compaixão por êles, realizam-se milagres. O amor é o que exerce maior ação curativa. Deus é amor: Deus é saúde.

Curamos a ferida do abatimento com a esperança e a confiança. A confiança em Deus tem de ser restaurada tanto na própria pessoa como nos semelhantes.

Curamos a ferida da culpa com o perdão encontrado em Cristo. A confissão é a maneira de curar esta ferida do pecado, porque ao partilhar

do pesar e da culpa de outrem, diminuímos-lhes os efeitos em cinquenta por cento.

A confissão oportuna alivia-nos os pensamentos recalçados. “O que encobre as suas transgressões nunca prosperará”. (Prov. 28:13.)

Curamos a ferida do ódio com o amor, abundância de boa vontade que não espera recompensa. O mundo necessita de amor que expila o ódio e o temor, e torne possível aceitar e conceder perdão.

Necessita-se de amor que fortaleça e abençoe, porque, sem êle, a vitória se torna vulgar e insípida. Para compreender o amor, deve-se viver com amor. Contudo, quando se vive com amor, não se compreende nada; só se sabe que a escuridão deu lugar à luz, o temor foi deslocado pelo amor, a solidão foi substituída pelo cálido companheirismo.

Os grandes curadores devem haver experimentado em si mesmos a cura. Devem sentir o gôzo da fé, da adoração, da oração, da simpatia, do perdão e do amor, antes de poder partilhá-los. O que somos decidirá o que podemos fazer. A cura é obra de Deus; tudo quanto podemos fazer é com Ele cooperar na cura dos enfermos. Só Deus pode salvar-nos das facções que atuam em nosso íntimo e nos conduzem à enfermidade e à morte. O pecado é fraccionamento, divisão, desunião. A piedade é harmonia, paz, comunicação e companheirismo de amor.

O homem foi criado à imagem de Deus. Isto significa em essência que nossa vida e nosso ser estarão seguros unicamente se permanecerem em comunhão com nosso Criador. Ele deve ser a fonte de vida e inspiração de todos os nossos planos e ações. A ausência de Deus conduz finalmente à morte. A vida cristã não é alguma coisa superposta, mas sim o resultado da dependência de nosso ser no tocante à contínua efusão de vida e amor que nos vem de Deus. Para viver de modo inteligente é necessário que investiguemos tôdas as leis que regem o ser. Não obstante, êste conhecimento não deve ser um fim em si próprio. Deve guiar-nos a uma compreensão inteligente das necessidades que só nos podem satisfazer plenamente quando agimos e vivemos em harmonia com o caráter e a natureza de Deus.

O Estudo da Bíblia é Necessário à Eficiência

“Os ministros que quiserem ser obreiros eficientes quanto à salvação das almas, têm de ser estudantes da Bíblia, e homens de oração. É um pecado negligenciar o estudo da Palavra, ao mesmo tempo que se tenta ensiná-la a outros. Os que sentem o valor das almas, compreendem que há demasiado em jôgo, para que ousem ser negligentes em buscar progredir no conhecimento divino, e refugiam-se na fortaleza da verdade, onde podem obter sabedoria, conhecimentos, e forças para fazer as obras de Deus. Não descansarão sem uma unção do alto.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 96.

Seu Mais Elevado Trabalho

WALTER SCHUBERT

(Secretário Associado da Associação Ministerial da Associação Geral)

NÃO existe honra que possa ser conferida ao homem, maior do que a do chamado para o ministério. Nenhuma profissão ou chamado, nem mesmo o de imperador, equivale à do ganhador de almas. Oh, se cada ministro reconhecesse a importância de seu elevado ofício! "A maior obra, o mais nobre esforço em que se possam homens empenhar, é encaminhar pecadores ao Cordeiro de Deus." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 16.

Sem violação de seu espírito, poderíamos ler essa declaração, da seguinte maneira: "A maior obra, o mais nobre esforço em que se possa a mulher empenhar, é ter o privilégio de casar-se com um ministro, auxiliando-o a encaminhar os pecadores ao Cordeiro de Deus." Em muitos casos encontraremos atrás de um grande homem de Deus, uma esposa cristã bondosa — que reconhece o seu elevado privilégio.

Por que deve o ministro grande parte de seu êxito a amorosa esposa? O Espírito de profecia no-lo diz:

"O matrimônio — união vitalícia — é símbolo da união entre Cristo e Sua igreja. O espírito que Cristo manifesta para com a igreja, é o que marido e mulher devem dedicar-se mutuamente." — *Test. Sel.* [Edição Mundial], Vol. III, pág. 96.

Quando o ministro e sua esposa têm no coração um para o outro a mesma atitude que Cristo tem para com Sua igreja, então a atmosfera do Céu começa para eles aqui mesmo. Se o ministro é feliz em sua vida doméstica, está mais bem capacitado para pregar com poder as boas-novas da salvação. Seu ambiente doméstico ajuda-o a elevar as pessoas com quem entra em contato, para uma mais elevada norma de vida. Se, por meio do seu encanto cristão e de suas prendas domésticas a esposa do ministro produz uma atmosfera celestial para o espôso e os filhos, ela é, à vista de Deus, e no verdadeiro sentido da palavra, uma ganhadora de almas.

Poderá a esposa do ministro pensar, às vezes, que não realiza muito na vida, ou que seu trabalho não é apreciado. A esposa que dia a dia cultiva espírito de bondade e busca tornar o lar um pequeno Céu na Terra para o marido, merece porção do galardão igual à do espôso.

A Pastora de Oração

A esposa cristã consagrada é o melhor elemento de que dispõe o marido nos seus esforços de ganhar almas. Como filho de ministro, lembro-me de, ao voltar eu para casa à tardinha, achar minha mãe orando na sala de visitas por uma longa meia hora. Um dia eu lhe disse:

— Mamãe: por que a senhora ora tanto? Eu tenho que esperar um tempo enorme para beijá-la antes de ir brincar.

— Meu filho, respondeu-me ela, seu pai irá pregar hoje à noite, e estive pedindo a Deus que o abençoasse, para que fale com poder e os pecadores se convertam, e a igreja prospere.

Recentemente tive a oportunidade de visitar a

sua sepultura. Estando eu ali, lembranças do passado me tocaram o coração; e veio-me à mente este incidente: uma figura da vida de oração de uma piedosa esposa de ministro. Sim, o bom êxito de meu pai foi grandemente devido às orações incessantes de minha mãe. Não seria bom que cada esposa de ministro orasse cada dia fervorosamente pelo êxito dos esforços feitos pelo seu marido para ganhar almas? Que mudanças não seriam notadas na conquista de almas! De que extraordinárias experiências e de grande gozo não ficaria cheio o lar!

A esposa do ministro pode exercer influência considerável sobre a congregação do marido. Talvez haja entre os membros da igreja alguém a quem ele inconscientemente ou inintencionalmente haja ofendido, e talvez alguns tenham sido admoestados e não nutram para com ele bondosa consideração. Neste ponto é que uma pastora consagrada pode ajudar a restaurar as boas relações, por mostrar espírito amigável e dirigir palavras de animação em tempo oportuno. Ela nunca será parcial nem manifestará preconceito para com quem quer que faça parte da congregação de seu marido. Sempre tratará de curar as feridas com seu trato cristão delicado, feminino.

A esposa consagrada do ministro exerce grande influência para o bem entre os membros da igreja, mas nunca deverá dar a impressão de que seja ela quem dirige a igreja ou a Associação. Seu bom senso lhe dirá a que justa distância se manterá nos bastidores. O duque de Edimburgo constituiu um exemplo notável desta característica. Muito embora a rainha Isabel confie muito em seu discernimento e conselho, conhece ele a medida exata de sua projeção.

A boa esposa do ministro sabe guardar segredo quando alguma irmã da igreja lhe abre o coração, despejando-lhe suas preocupações e problemas, na esperança de achar tanto uma solução quanto conforto e consolação. Ela nunca buscará arrancar do marido informação de caráter confidencial. O marido, como ministro ordenado, tem perante Deus o sagrado dever de manter secreto tudo quanto lhe seja exposto confidencialmente.

A esposa ponderada nunca atacará o marido, embora esteja convencida de que ele necessita de correção. Censuras, acusações, críticas e palavras descorteses, são todos fatores que podem arruinar o preparo e a apresentação de um sermão, e prejudicar a eficiência e o bom êxito do plano de visitas do marido. Um incidente infeliz entre esposa e marido, umas poucas palavras descorteses pela manhã, têm muitas vezes sido a causa de muitos dias perdidos na conquista de almas, e de muitos sermões fracassados.

A boa esposa do ministro, conquanto possa pensar que não é tratada como merece, lembrar-se-á sempre de que seu espôso é ministro. Portanto, deve cuidar de cada palavra e ato seus, pois exercerão forte influência sobre o seu ânimo e trabalho, e sobre as pessoas a quem visita — influência para bem ou para mal. Dela depende o ajudar o

marido a tornar-se poderoso ministro da Palavra, ou, por seu espírito e influência, reduzi-lo a um servo inútil na vinha do Senhor.

Cada obreiro que haja tido alguma porção de êxito na vinha do Senhor, deve-a em grande medida à ajuda infalível e ao amparo espiritual de sua fiel esposa, que participou de suas responsabilidades e alegrias do ministério.

Uma Experiência Pessoal

Há coisa de trinta anos, quando eu era ministro novo, minha situação financeira andava precária, e havia uma quantidade de dificuldades que me acabrunhavam ao máximo. Nessa situação me foi oferecida, no comércio, uma ocupação com oportunidades de êxito. Certo dia cheguei a casa e contei à minha esposa que iria abandonar a obra para aceitar essa oportunidade áurea. Minha decisão fôra tomada e eu estava em vias de ir ter com o presidente da Associação para entregar-lhe minha demissão. Minha esposa me tomou da mão, levou-me para o dormitório, fechou a porta, e disse-me: "Eu não te deixarei sair deste quarto sem que me tenhas prometido que permanecerás na obra do Senhor. Casei-me com um ministro, e não com um comerciante." Durante duas horas discutimos os prós e os contras da situação, e depois de um período de oração insistente, fizemos ambos uma

reconsagração a Deus e, com renovada fé e ânimo dediquei a vida ao ministério.

Agora, ao olhar retrospectivamente aos anos transcorridos, agradeço a Deus a esposa piedosa que me libertou numa hora de grande crise da minha vida. Que gozo me é hoje pensar nas muitas dezenas de pessoas a quem o Senhor me auxiliou a encaminhar para a verdade em vários países, e que se regozijam na bendita esperança da breve volta de nosso Salvador. Tenho muitas vêzes meditado na declaração de que "Deus deu a cada homem a sua obra, e ninguém mais pode fazer essa obra por êle". — *Testimonies*, Vol. IV, pág. 615. Treme ao pensar quão perto estive de fracassar no meu dever. Se houvesse abandonado o ministério, não teria eu que dar conta no dia do juízo das almas perdidas que poderiam haver estado eternamente salvas?

Graças a Deus pelos milhares de extraordinárias e abnegadas esposas de ministros, existentes nas fileiras de nossa denominação, que nos bastidores trabalham pelo êxito daqueles a quem ama, e escolheram êste honroso chamado. Seu galardão poderá surpreendê-las, pois, no reino de Deus, participarão, na mesma proporção, das estrelas de seus companheiros.

Prezadas irmãs: Qual é a influência que exercéis na vida de vosso marido?

Em que Consiste a Verdadeira Religião?—I

ALGUMAS das promessas mais liberais e assombrosas de tôda a Bíblia se acham registadas no capítulo 58 de Isaías; são promessas de orações atendidas, de saúde restaurada, de retidão, de glória e luz, de proteção, e de uma herança abundante na vida eterna.

Ao repassar com cuidado o "Índice dos Escritos da Sra. E. G. White", foi descoberto que no Espírito de profecia existem mais referências a êste capítulo que a qualquer outro de tôda a Escritura. Ao revisar esta lista de referências, a fim de recolher material para a nova obra "Seventh Day Adventist's Bible Commentary", nossos colaboradores dos arquivos dos escritos da Sra. White acharam numerosas referências adicionais a êste capítulo. O maior número delas se refere aos versículos 6-11, que esboçam a obra da caridade que deve preceder, ou pelo menos acompanhar a verdadeira reforma sabática, que deve formar parte da grande mensagem que acompanhará a chuva serôdia.

Isaías propõe aí uma das fórmulas mais claras da "religião pura e imaculada" (S. Tia. 1:27) que podem ser achadas em tôda a Bíblia, ao traçar "um plano divinamente simples e que sem embargo é maravilhosamente satisfatório" para conseguir que os homens sejam puros, genuinamente semelhantes a Cristo, e súditos idôneos para entrar no reino dos Céus.

Que é a Luz?

A palavra "luz" é chave para a compreensão de todo o capítulo. "Então romperá a tua luz como a alva". (Isa. 58:8.) "Vós sois a luz do mundo," disse Jesus.

Que é a luz? de onde procede? Como brilha? Que é esta luz na vida de Deus, o Pai? Que é esta luz em Cristo? Que é esta luz no cristão que deve ser "a luz do mundo"?

Significativa declaração do Espírito de profecia esclarece estas perguntas em seu sentido mais profundo. O estudo cuidadoso do passo que segue e de outros apresentados mais adiante, com reparo nas palavras e frases que grifamos, salienta uma significação totalmente clara que deve ser o objetivo de nossa reflexão para beneficiar-nos.

"A luz do Sol da Justiça deve irradiar em boas obras, em palavras de verdade e atos de santidade.

"Cristo, o resplendor da glória do Pai, veio ao mundo como sua luz. Veio representar Deus aos homens, e d'Ele está escrito que foi unguido 'com o Espírito Santo e com virtude', e 'andou fazendo bem'. Na sinagoga de Nazaré, disse: 'O Espírito do Senhor é sobre Mim, pois que Me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos, e dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor.' Esta foi a obra de que encarregou os discípulos. 'Vós sois a luz do mundo,' disse Ele. 'Assim resplandesça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos Céus.'

"Esta é a obra que o profeta Isaías descreve, dizendo: 'Porventura não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desterrados? E, vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne? Então romperá a tua luz

como a alva, e a tua cura apressadamente brotará, e a tua justiça irá adiante da tua face, e a glória do Senhor será a tua retaguarda.'

"Assim pois a glória de Deus deve brilhar mediante Sua igreja na noite de trevas espirituais, soerguendo os oprimidos e confortando os que choram . . . Nosso dever é auxiliar a aliviar e abrandar as agruras e misérias da vida." (*Parábolas de Jesus*, págs. 416 e 417.) Ler também *Prophets and Kings*, pág. 718, que contém um comentário parecido.

Quanta significação encerra esta declaração preciosa, ao descobrirmos as respostas às perguntas mencionadas.

Esta luz emana de Deus como "uma revelação do caráter do amor divino." — *Parábolas de Jesus*, pág. 415.

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira" que não pôde deixar de permitir que a luz desse amor brilhasse na hora mais tenebrosa.

"Cristo, o resplendor da glória do Pai" e de Seu amor, "veio ao mundo como Sua luz. Veio representar a Deus perante os homens". Fê-lo, empregando a maior parte de Seu tempo para socorrer os necessitados e desventurados, e para andar "fazendo bem." Na sinagoga e noutros lugares anunciou que esta era a Sua missão. 'Esta é a obra que recomendou a Seus discípulos que fizessem.' É 'esta é a obra que o profeta Isaías descreve' e que devemos fazer se desejamos ser 'a luz do mundo'.

"Nossa missão é a mesma que a anunciada por Cristo, no começo de Seu ministério, como Sua missão." — *Testimonies*, Vol. VIII, pág. 134.

"Os que deveriam haver sido a luz do mundo não emitiram senão raios débeis e enfermigos. Que é a luz? É piedade, bondade, verdade, misericórdia, amor." — *Welfare Ministry*, pág. 36.

"Na história do bom samaritano, ilustra Cristo a natureza da verdadeira religião." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 372.

"A menos que haja sacrifício prático em bem de outros, no círculo da família, na vizinhança, na igreja e onde quer que estejamos, não seremos cristãos, seja qual fôr a nossa profissão." — *Idem*, pág. 376. (Grifo nosso.)

"O Evangelho nunca se reveste de maior encanto que quando é apresentado nas esferas mais necessitadas e carentes. Então é que a luz brilha com o resplendor mais intenso e com maior fôrça." — *A Call to Medical Evangelism*, pág. 23.

O "Método" do Amor

"Cristo, que veio ao nosso mundo para revelar o amor e a terna compaixão do coração de Seu Pai, mostrou-nos os métodos que devem seguir os observadores do sábado em sua obra. Estes estão claramente especificados no capítulo 58 de Isaías." — *Medical Ministry*, pág. 123. (Grifo nosso.)

Como povo praticamos os métodos de evangelização. Mas que dizemos acerca do método do amor e da piedade? Se este método fôsse mais usado, "veríamos se o fôlego de vida não volveria rapidamente às igrejas." — (*Welfare Ministry*, pág. 124.) Com efeito, o conselho é que "leiamos cuidadosamente este capítulo." Este plano de evangelismo não deve fragmentar-se, porque é uma obra individual.

"Cristo impõe aos Seus seguidores uma obra

individual, uma obra que não se pode realizar mediante procuração. Servir os enfermos e os pobres, dar a mensagem aos perdidos é uma obra que não deve deixar-se a cargo de sociedades nem da caridade organizada. A responsabilidade individual, o esforço individual, o sacrifício pessoal são os requisitos do Evangelho. . . . As bênçãos do Evangelho devem ser transmitidas através do contato direto, através do ministério pessoal." — *Counsels on Health*, págs. 390 e 391. (Grifo nosso.)

Presentemente nossa obra chegou a ser altamente organizada e completamente especializada. Talvez o pastor seja a pessoa única em nossas fileiras, que, pela natureza de seu trabalho, se relacione diretamente com os pobres e os necessitados; e até êle pode delegar esta obra às irmãs Dorcas se se deixa levar pelo que com freqüência é a inclinação humana. Que poderíamos dizer de nossos numerosos obreiros dos escritórios, dos cargos administrativos, e de nossas fábricas? É real o perigo que existe de que a verdadeira religião esteja secando em nossa alma, ainda que estejamos muito ocupados em muitas coisas na obra de Deus?

Sabemos que o propósito declarado de tôdas as numerosas atividades denominacionais é a conquista de almas. Chegou a ser tão mecânica e tão rotineira uma grande parte dessas atividades que perdemos o senso da comunidade, o contato pessoal, direto? Lembremos que unida à conquista de almas está a obra de caridade, cuja influência suavizadora nos traz ao coração esta terna consideração para com os demais, tão essencial no serviço cristão.

E ao lembrar os necessitados e desafortunados, os angustiados e os quebrantados que não pertencem ao nosso meio, que diremos dos com quem trabalhamos em casa, no escritório, na igreja e na Associação?

"Agora, irmãos, e irmãs, tiremos de nossa alma a indiferença, e tiremo-la dos métodos que empregamos em nossa obra." — *Welfare Ministry*, pág. 90.

"Ele [Deus] vigia para ver se vós manifestais compaixão das pessoas com quem vos associais." — *Counsels on Stewardship*, pág. 164.

Devemos Estudar de Novo Isaías 58

Não seria uma experiência vivificadora para cada obreiro, pessoalmente, que procura descobrir em seu próprio bairro, ou na localidade ou cidade em que mora, alguns casos necessitados ou algum desafortunado, e imitar o exemplo de Cristo, infundindo esperança e ânimo, e, se fôr necessário, proporcionando auxílio material ou físico? Ao lembrarmos-nos das necessidades dos demais, quando nos comovemos pelas dores alheias, como Cristo Se condeu das nossas, então experimentamos algo no mais íntimo de nossa alma.

Creemos que para todos nós, o tornar a estudar diligentemente o capítulo 58 de Isaías, pode ser uma experiência vivificadora. Os importantes comentários que faz o Espírito de profecia acerca de Isaías 58 devem constituir um desafio para todos nós.

Um reavivamento da verdadeira piedade deve preceder o derramamento da chuva serôdia. Que Deus nos ajude a participar de Seu plano de evangelismo verdadeiro! — *El Ministerio*, Mço.-Abril, 56.

A Cronologia de Esdras 7 — VIII

S. H. HORN e L. H. WOOD

(Professores do Seminário Teológico Adventista)

APENDICE

O Calendário Judaico de Elefantina

OS únicos documentos do século V A. C., que lançam esclarecimentos sobre o calendário utilizado pelos judeus no tempo de Esdras e Neemias, são os papiros aramaicos de Elefantina e um monumento de pedra do Museu do Cairo. Os papiros, que somam mais de cem, informam acerca da linguagem, da história e da vida de uma guarnição judaica do Egito; vários desses papiros constituem uma fonte muito importante de material para o estudo do calendário usado pelos judeus durante o século V A.C. Esses documentos, trinta e oito estão datados; vinte e dois deles são portadores de data dupla: a egípcia e outra que os judeus empregavam com a utilização dos meses babilônios. Pôsto que se pode achar facilmente a equivalência das datas egípcias no calendário juliano, essas datas constituem um meio para investigar a natureza do calendário empregado pelos judeus de Elefantina. (1)

Imediatamente depois da publicação do primeiro lote de papiros, vários eruditos se dedicaram ao estudo dos problemas oriundos das datas, e da espécie de calendário usado. E. Shürer (2) foi um dos primeiros a investigar as datas desses documentos. Seguiu-se-lhe F. K. Ginzel. (3) Ambos partiram da hipótese de que os judeus do século V possuíam um calendário lunar semelhante ao dos persas, e de que iniciavam cada mês com a aparição da Lua nova, tal como o faziam os babilônios. Explicavam as irregularidades e os desacordos entre as datas como erros, cometidos pelos escribas. L. Belleli quis, por meio dessas discrepâncias, demonstrar que os documentos eram falsificações modernas,

(1) Um sincronismo entre o calendário egípcio conhecido e o calendário lunar variável permite datar corretamente um papiro de data dupla. Se se conhece o número do ano régio egípcio, o mês e o dia egípcios bastam para determinar no calendário juliano a data da era pré-cristã; mas ainda no caso de que seja incerta a localização do ano régio, a data dupla solar-lunar pode determinar o ano, bem como o mês e o dia.

A razão disto pode dar-se melhor mediante um exemplo concreto. No papiro Kraeling 6 (ver a figura 3 em O Ministério de março-abril de 1956), o 3º ano de Dario II tanto pode ser o terceiro ano egípcio — o que localizaria o documento no ano 421 A. C. — como o terceiro ano régio judaico, que se estende de outono a outono, datando-se, assim, o documento no ano 420 da era pré-cristã. A data egípcia não pode determinar qual das duas anteriormente citadas é a correta, porque em ambas pharmouti 8, que retrocede um dia apenas cada quatro anos, corresponde a 11/12 de julho em ambos os anos. A data de tammuz 8, porém, pode concordar com 11/12 de julho unicamente em um desses anos. Em realidade, só uma vez em muitos anos, visto que se traslada nada menos que dez dias de um ano para outro. Isto ilustra o fato de que qualquer sincronismo entre datas do calendário solar e lunar pode ocorrer somente em um ano dentro de uma série de vários anos possíveis (neste caso, esse único ano é 420 A. C.), e a data dupla pode assim assinalar um ano régio

(4) mas pouquíssimos eruditos creram que esses papiros encontrados por uma expedição científica, na mesma forma em que foi encontrada a maioria dos papiros, houvessem podido ser enterrados no local por falsificadores que esperavam locupletar-se com o descobrimento. Pôsto que os papiros exumados apresentam as mesmas características dos comprados aos nativos, não paira sobre qualquer deles dúvida alguma quanto à sua autenticidade.

O astrônomo E. B. Knobel demonstrou, com base nos papiros AP 13 e 25, que os judeus do século V conheciam um ciclo de dezenove anos, segundo o demonstra seu sistema de intercalação. Seus descobrimentos guiaram-no à conclusão de que o calendário civil judaico estava calculado, e que o ano civil começava com 1º de tishri. (5) O afamado astrônomo britânico J. K. Fotheringham também chegou à conclusão de que empregavam o calendário calculado e o ano começava com 1º de tishri, bem como que a intercalação era feita em forma arbitrária pela inserção de um segundo mês de adar, sem o emprêgo de um segundo elul. (6)

O cronólogo E. Mahler concordou com Knobel e Fotheringham em que o calendário judaico não tinha base nem na aparição do primeiro quarto-crescente da Lua, nem na conjunção, mas na aplicação de um ciclo regular. Não obstante, cria que o calendário judaico de outono a outono foi uma instituição posterior. (7)

Por outra parte, Martin Sprengling chegou a conclusões muito diferentes. Admitindo que o ano civil judaico que começava com tishri era de

discutível independentemente do Cânon de Ptolomeu ou dos Ladrilhos Saros.

(2) Schürer, *Aramaic Papyri Discovered at Assuan*, editado por A. H. Sayce, com a colaboração de A. E. Cowley... Londres, A. Moring, 1906... *Theologische Literaturzeitung*, No. 32 (1907), colunas 1-7; também seu *Der Jüdische Kalender Nach den Aramaischen Papyri von Assuan. Nachtrag zu der Anzeige in Nr. 1, em Idem*, colunas 65-69.

(3) Ginzel, *Handbuch der Mathematischen und Technischen Chronologie*, Vol. II, págs. 45-52.

(4) L. Belleli, *An Independent Examination of the Assuan and Elephantine Aramaic Papyri*.

(5) E. B. Knobel, *A Suggested Explanation of the Ancient Jewish Calendar Dates in the Aramaic Papyri Translated by Professor A. H. Sayce and Mr. A. E. Cowley*, em *Monthly Notices of the Royal Astronomical Society*, No. 68 (1907-1908), págs. 334-345; também seu *Note on the Regnal Years in the Aramaic Papyri from Assuan*, em *Idem*, No. 69 (1908, 1909), págs. 8-11.

(6) J. K. Fotheringham, *Calendar Dates in the Aramaic Papyri from Assuan*, em *Idem*, No. 69 (1908, 1909), págs. 12-20; também seu *Note of the Regnal Years in the Elephantine Papyri*, *Idem*, págs. 446-448; e seu *A Reply to Professor Ginzel on the Calendar Dates in the Elephantine Papyri*, *Idem*, No. 71 (1911), págs. 661-663.

(7) Eduard Mahler, *Die Doppeldaten der Aramaischen Papyri von Assuan*, em *Zeitschrift für*

surgimento posterior, susteve que os papiros de Elefantina confirmavam a existência de um ano que começava com o mês de nisá, e que os judeus do século V empregavam um segundo elul, cujo uso abandonaram mais tarde. (8) Não é necessário repassar minuciosamente as obras de P. J. Hontheim, J. B. Chabot, J. G. Smyly, D. Sidersky e H. Pignon, (9) porque seu raciocínio varia unicamente em certos pormenores das numerosas conclusões alcançadas pelos eruditos mencionados. Contudo, deve ser mencionado que S. Gutesmann pensou que os judeus possuíam um ciclo de vinte e cinco anos, em lugar do ciclo babilônio de dezenove anos. (10) Esta teoria não encontrou aceitação, já que os papiros com data dupla teriam demonstrado o uso desse ciclo de vinte e cinco anos num período mais dilatado que o compreendido pelos documentos existentes. Visto que esse ciclo não era empregado em nenhum outro lugar do mundo antigo, parece pouco provável que o tenham usado os judeus.

R. A. Parker, cujo estudo desse assunto parece ser o último que apareceu, sustém a opinião de que os papiros de Elefantina expressam suas datas em termos do calendário persa, isto é, do babilônio. (11) Sustém, também, que as divergências encontradas entre as datas egípcias e babilônias são devidas a erros cometidos pelos escribas que, como estrangeiros, não estavam bem familiarizados com o calendário egípcio, pelo que poderiam confundir as datas. (12)

As várias opiniões encontradas nos numerosos estudos relacionados com as datas destes papiros revelam que não se chegou ainda a conclusões definitivas. Não obstante, a maioria dos eruditos concordam em que o ciclo de dezenove anos estava em uso entre os judeus do século V A.C. Também muitos estão concordes em que o calendário judaico não era uma duplicata do babilônio, a menos que todas as divergências sejam explicadas como erros dos escribas.

No tocante a outros pontos, existe muita diferença de opiniões. Se os judeus começavam seu ano civil com nisá ou tishri, se empregavam um segundo elul, além do segundo adar, e se a intercalação se efetuava em forma regular, são assuntos controversos.

O grande aumento no número de documentos devido ao descobrimento dos papiros do Museu de Brooklyn, torna urgente a necessidade de examinar uma vez mais todo o problema. Esses documentos nos estão conduzindo a mais uma etapa no caminho da solução final, como o demonstrará a seguinte exposição. Conquanto ainda não

Assyriologie, No. 26 (1912), págs. 61-76; também seu *Handbuch der Jüdischen Chronologie*, págs. 346-360.

(8) Martin Sprengling, *Chronological Notes from the Aramaic Papyri*, em *AJSL*, No. 27 (1911), págs. 233-252.

(9) P. J. Hontheim, *Die Neuentdeckten Jüdisch-Aramäischen Papyri von Assuan, em Biblische Zeitschrift*, No. 5 (1907), págs. 225-234; J. B. Chabot, *Les Papyri Araéens d'Elephantine Sont-ils Faux?* em *Journal Asiatique*, décima série, Vol. IV (1909), págs. 515-522; J. Gilbert Smyly, *An Examination of the Dates of the Assuan Aramaic Papyri*, em *Proceedings of the Royal Irish Academy*, Vol. XXVII, seção C (1908, 1909), págs. 235-250; D. Sidersky, *Le Calendrier Sémitique des Papyri Araméens d'Assuan*, em *Journal Asiatique*, décima série, Vol. XVI (1910), págs. 587-592; H. Pignon, *Chronologie des Papyri Araméens d'Elephantine*, *Idem*, Vol. XVIII (1911), págs. 337-365.

(10) S. Gutesmann, *Sur le Calendrier en Usage*

estejamos em condição de explicar tôdas as fases do calendário utilizado pelos judeus do período pós-exílico, em realidade sabemos muito mais a esse respeito, graças a esses papiros, do que pelo período do primeiro século cristão.

O Procedimento Seguido

No estudo dos papiros, a primeira etapa deve ser, converter a data egípcia em termos do calendário juliano, o que resulta em relativa facilidade, como foi demonstrado no capítulo I, devido ao ano solar invariável de 365 dias, empregado pelos egípcios antigos. A data a que se chegou por esse meio, abrange parte dos dias do calendário juliano, visto que o dia egípcio começava ao amanhecer. Por isso eram empregados dois números. A fórmula 7/8 de julho (sS a sS.) (13) de 465 A. C., assinalava um dia egípcio que durava desde a saída do Sol de 7 de julho, até à saída do Sol de 8 de julho, do ano 465 A. C.

Visto que os judeus e os babilônios faziam seu dia começar com o pôr-do-Sol, também abrange dois dias do calendário juliano. Nesta forma, 7/8 de julho (pS a pS) (14) do ano 465 A. C., assinala o dia que começou com o pôr-do-Sol de 7 de julho e terminou com o pôr-do-Sol de 8 de julho. Assim, o dia egípcio não coincide exatamente com o dia computado por qualquer dos povos mencionados. Daí que o documento legal assinado no dia egípcio de 7/8 de julho (sS a sS) originaria duas datas possíveis em termos do calendário judaico, dependendo da parte do dia em que o documento foi firmado. Se o foi antes do pôr-do-Sol, estaria datado com data judaica, mais cedo do que se o dia depois do pôr-do-Sol.

Assim, se um papiro com data dupla é portador de data egípcia que equivale à do calendário judaico, persiste a incerteza de determinar se o dia judaico em questão começou no amanhecer anterior à data egípcia mencionada ou no anoitecer desse dia egípcio. Tinham os judeus um calendário lunar em que o primeiro dia do mês devia começar num tempo razoável depois da conjunção (não muito menos que um dia depois). Portanto, nossas conclusões nos conduzirão, em uns poucos casos, a deduzir que um documento foi redigido depois do pôr-do-Sol, (15) se o tempo transcorrido entre a conjunção e o começo do primeiro dia do mês e o pôr-do-Sol, é demasiado curto para ser razoável. Assim, deve reconhecer-se que não é possível evitar a incerteza na exatidão de um dia, devido aos fatos seguintes: (1) os dias egípcios e judaicos não coincidem inteiramente, e (2) os

Chez les Israélites au Ve. Siècle Avant Notre Ère, em *Revue des Etudes Juives*, No. 53 (1907), págs. 194-200.

(11) Richard A. Parker, *Persian and Egyptian Chronology*, em *AJSL*, No. 58 (1941), págs. 288-292.

(12) Parker, em carta pessoal para S. H. Horn, de 19 de novembro de 1952.

(13) É geralmente aceito pelos eruditos que o dia egípcio começava com a saída do Sol, daí o costume de usar-se a abreviatura "sS a sS" para a expressão "saída do Sol a saída do Sol," em contraste com o dia judaico que se estendia de pôr do Sol a pôr do Sol.

(14) A abreviatura "pS a pS" indica pôr do Sol a pôr do Sol.

(15) Para os propósitos deste estudo, foi tomado como termo médio para o "pôr do Sol" as 6 p.m. hora civil de Elefantina (hora local de Elefantina, computada a partir da meia-noite), ape-

escribas não indicavam em caso algum a parte do dia em que escreveram os documentos.

Os papiros de Elephantina foram escritos, em sua maior parte, num tempo em que o Egito era uma satrapia persa; pelo que, com uma exceção (AP 35), os papiros estão datados em conformidade com os anos régios persas. Não obstante, o cômputo egípcio dos anos régios de um determinado rei, começava com 1º. de thot, que, durante o século V, correspondeu a uns quatro meses antes de nisã — o primeiro mês do calendário babilônio, — e a uns dez meses antes de tishri, o primeiro mês do calendário civil dos judeus, como já foi demonstrado. Em consequência, qualquer documento egípcio datado depois de 1º. de thot e antes do dia de ano novo persa ou judaico, levava um ano régio superior em um ao correspondente ano persa ou judaico.

Também foi demonstrado que, com pouquíssimas exceções, os anos régios ocorrem em conformidade com o sistema egípcio de computar êsses anos. Dir-se-ia que, no Egito, se requeria isto para todos os documentos legais, tais como os papiros de data dupla.

Depois de haver explicado sucintamente o procedimento seguido na interpretação das datas duplas, passaremos a estudá-las de acôrdo com sua seqüência cronológica. O leitor que tenha analisado com atenção os capítulos I e II não achará difícil a compreensão da análise seguinte:

AP 5

Elul 18 = Pachons 28, ano 15 de Xerxes

(471 A. C.)

O ano 15 de Xerxes é o ano 277 da era de Nabonasar do Cãnon de Ptolomeu; começou no dia 19 de dezembro de 472 A. C., até 18 de dezembro de 471 A. C. 28 de pachons coincidiu com 12/13 de setembro (sS a sS) de 471 A. C. Visto que o dia judaico começava ao pôr-do-Sol, como já foi explicado, 18 de elul não coincide exatamente com 28 de pachons, mas abrange parte dos dias egípcios. Portanto, existem duas possibilidades, segundo o demonstra a figura 7: (1) 11/12 de setembro (pS a pS), se o documento foi redigido durante as horas do dia, ou (2) 12/13 de setembro (pS a pS) se foi escrito depois do pôr-do-Sol de 12 de setembro. Isto propõe duas datas possíveis para o dia 1º. de elul (ver a figura 8), isto é (1) 25/26 de agosto (pS a pS) se o documento foi escrito durante as horas do dia, ou (2) 26/27 de agosto (pS a pS) se o foi depois do pôr-do-Sol.

Como a conjunção anterior da Lua ocorrera em 24 de agosto aos 78 centésimos do dia, ou seja, 24 de agosto às 18,43, hora civil de Elephantina, contada desde meia-noite, o período da traslação ocupava os 97 centésimos de um dia (23 horas, 17 minutos) se 25/26 de agosto (pS a pS) era 1º. de elul, ou 1,97 dias (47 horas, 17 minutos) se 26/27 de agosto (pS a pS) era 1º. de elul. Não poderemos chegar a conclusões razoáveis sem que todos os papiros sejam analisados. Diferiremos no momento de chegar a uma conclusão definitiva sobre qual das duas datas mencionadas era o dia 1º. de elul.

sar de que esta hora, naturalmente, variava um pouco durante as estações do ano.

AP 6

Quisleú 18 = Thot do ano 21, o comêço do reinado de Artaxerxes I (464 A. C.)

O número do dia egípcio está danificado neste papiro. Cowley sugeriu restaurá-lo para 7 ou para 14; Gutesmann e Hontheim restauraram-no para 17. Não é possível realizar outras restaurações paleográficamente. Uma rotura de deztoito milímetros destruiu parte do número, deixando unicamente quatro traços verticais. Nessa rotura devem ser supridas as duas últimas letras da palavra "dia", visto existir uma única letra. O vazio restante mede uns doze milímetros e pode ser preenchido com três traços, o que dá o número 7. Esta é a maior restauração paleográfica que se pôde fazer. A restauração de um "10" no espaço vazio não o enche bem, pelo que também pode ser descartado o número 14. A inserção do número 10 seguido de três traços, o que faz o número 17, é o único número que corresponde ao dia que se pode fazer concordar astronômicamente com quisleú 18, mas deve admitir-se que os caracteres ficam um pouco apinhados.

Este papiro é importante porque parece fazer corresponder o 21º. ano de um rei com a ascensão do rei Artaxerxes ao trono. Visto que unicamente Artaxerxes I subiu ao trono no ano 21º. de seu antecessor (Xerxes), o nome deste último rei se obtém por dedução.

Em contraste com o método que os judeus de Elephantina comumente seguiam, de anotar somente o ano egípcio quando era mencionado um único ano em um documento, esta é uma das duas exceções (também no Kraeling 6) onde se anota unicamente o ano persa ou judaico em seu lugar.

O ano 21º. de Xerxes, que também era o ano ascensional de Artaxerxes I, começou na primavera do ano 465 A. C., segundo o sistema persa de computar o tempo, e no outono do mesmo ano, segundo o ano civil judaico. Quisleú, nono mês do calendário babilônio, sempre correspondeu à última parte do ano do calendário juliano, isto é, entre dezembro de 465 e janeiro de 464 A. C. para o ano que analisamos. O mês egípcio thot desse período começou em 17 de dezembro de 465 e terminou em 15 de janeiro de 464 A. C. Que unicamente thot 17 pode fazer-se corresponder a 18 de quisleú, pode ver-se pelos resultados seguintes:

Thot 17 = 23/24 de dezembro (sS a sS) de 465 A. C.

Thot 14 = 30/31 de dezembro (sS a sS) de 465 A. C.

Thot 17 = 2/3 de janeiro (sS a sS) de 464 A. C.

A conjunção da Lua ocorreu em 15,04 (0,57) de dezembro de 465 A. C. A data mais recente possível para o 1º. de quisleú seria 15/16 de dezembro (pS a pS) de 465 A. C., e 18 de quisleú seria, então, 1/2 de janeiro (pS a pS) de 464 A. C.

Se 1º. de quisleú correspondia a 15/16 de dezembro (pS a pS) de 465 A. C., o período de traslação atingia 71 centésimos de um dia (17 horas, 2 minutos); se 1º. de quisleú correspondia a 16/17 de dezembro (pS a pS), o período de traslação seria 24 horas mais longo (41 horas, 2 minutos), e o documento teria sido escrito ao anoitecer, depois do pôr-do-Sol, visto que neste caso,

quisléu 18 teria correspondido a 2/3 de janeiro (pS a pS) de 464 A. C.

AP 8

Quisléu 21 = Mesori 1, ano 6º. de Artaxerxes I

Este papiro está bem conservado e não apresenta problemas de decifração. Não obstante, não se pode fazer corresponder as datas por método algum conhecido, de modo que se presume ter havido um erro do escriba. Se o escriba escreveu erradamente mesori 1º, em lugar de mesori 21, que é o certo, as datas concordam astronômicamente, embora não com o calendário babilônio. Também harmonizam se se aceitam como corretos os números dos meses e dos dias, mas supondo que o ano 6 foi escrito por engano em lugar do 5. Uma vez mais, porém, não concordariam com o calendário babilônio. Os dois resultados possíveis, seriam os seguintes:

1. Quisléu 21 = Mesori 1º. do ano 5 (?) de Artaxerxes I (460 A. C.) 1º. de mesori do 5º. ano régio egípcio de Artaxerxes I (ano 288 da era de Nabonasar) correspondeu a 11/12 de novembro (sS a sS) de 460 A. C. Assim, 21 de quisléu teria correspondido a 10/11 de novembro (pS a pS) ou a 11/12 de novembro (pS a pS), e 1º. de quisléu teria coincidido com 21/22 de outubro (pS a pS) ou a 22/23 de outubro (pS a pS). Visto que a conjunção da Lua ocorreu em 21,09 de outubro (às 2,09), o período de traslação ter-se-ia elevado para 66 centésimos de um dia (15 horas, 50 minutos) no primeiro caso, e a 1,66 dias (39 horas, 50 minutos) no segundo. Não obstante, dever-se-ia notar que 1º. de quisléu ocorreu um mês lunar mais tarde, segundo o calendário babilônio.

2. Quisléu 21 = Mesori 21 (?) do ano 6 de Artaxerxes I (459 A. C.) No 6º. ano régio egípcio de Artaxerxes I o dia 21 de mesori correspondeu a 1/2 de dezembro (sS a sS) de 459 A. C. E, 21 de quisléu correspondeu a nov. 30/ dezº. 1 (pS a, pS), ou a 1/2 de dezembro (pS a pS) de 459 A. C., e 1º. de quisléu ao dia 10/11 de novembro ou a 11/12 de novembro (pS a pS). A conjunção da Lua ocorreu em 9,14 de novembro (às 3,21), e o período de traslação deve ter sido de 1,61 dias (38 horas, 38 minutos) ou 2,61 dias (62 horas, 38 minutos). Uma vez mais, se os resultados são corretos, quisléu teria ocorrido um mês completo antes do que indicava o calendário babilônio.

Se os dados das datas do papiro não necessitassem de emenda para fazê-los concordar com os fatos astronômicos, então teríamos a prova de que os judeus de Elefantina deixaram de seguir o costume de acrescentar um segundo mês de adar, para harmonizar com o ano babilônio 462 A. C.,⁽¹⁶⁾ e que o não acrescentaram nos anos 461 e 460; neste caso teriam estado um mês lunar completo em atraso quanto ao calendário babilônio. Infelizmente, chega-se a estes resultados através de correções conjecturais da data do papiro AP 8, o que a torna duvidosa. Se há outro erro implicado, diverso destas duas conjecturas, chegar-se-á a conclusões também diferentes.

(16) Não obstante, não deveria esquecer-se de que o segundo Addaru, das tábuas de Parker e Dubberstein (op. cit., pág. 30.) está ainda sem confirmação, embora provavelmente seja correta a sua inserção no ano 462 da era pré-cristã.

Este documento está relacionado com o AP 8 e deve haver tido a mesma data, possivelmente sem o erro cometido pelo escriba. Entretanto, os dados da data estão em tão mau estado, que não é possível extrair conclusão alguma definitiva.

A Estrêla de Arenisca do Cairo (17)

Sivã = Mechir do 7º. ano de Artaxerxes I (458 A. C.)

A amplitude e a ambigüidade desta data não esclarecem o problema suscitado com o AP 8. Se aqui figura o 7º. ano de Artaxerxes, em conformidade com o sistema egípcio de computar o tempo, como é muito provável, seria o ano 290 da era de Nabonasar, e começaria em 16 de dezembro de 459, para terminar em 15 de dezembro de 458 A. C. O mês de mechir, do 7º. ano de Artaxerxes I, como está registado no calendário egípcio, estende-se de 15 de maio a 13 de junho de 458 A. C. O mês de sivã estende-se, segundo o calendário babilônio, de 6 de junho a 5 de julho de 458 A. C.,⁽¹⁸⁾ e de 8 de maio a 5 de junho de 458 A. C., de acôrdo com a reconstrução hipotética do calendário de Elefantina e com base, para esses anos, em AP 8 (em que os meses do calendário judaico precediam o do calendário babilônio em um mês lunar).

Se certa palavra da inscrição puder ser traduzida por "no mês", concordará com ambos os sistemas, visto que os dias 1 a 8 de sivã, segundo o calendário babilônio, coincidem com os oito últimos dias do mês egípcio mechir, e os dias 8 a 29 de sivã, segundo o calendário hipotético judaico, com base em AP 8, coincidem com os primeiros vinte e dois dias de mechir. Entretanto, se essa palavra fôr traduzida por "no primeiro dia do mês lunar,"⁽¹⁹⁾ só serviria um calendário cujos meses coincidissem com os meses babilônios, pôsto que o primeiro dia de sivã do suposto calendário judaico não caía em mechir.

Kraeling 14

Iyar 8 = Tybi 20

Neste mal conservado documento matrimonial, o nome e o número do ano régio do rei perderam-se. Foram preservados unicamente cinco traços do número do dia do mês de iyar. O espaço vazio que se lhe segue pareceria permitir a restauração de um possível número 8, a única data que coincide com 20 de tybi (que se nota com clareza) durante todo o século V A. C.⁽²⁰⁾ A análise cuidadosa de todos os anos do século V, o período em que estes papiros foram escritos, leva à conclusão de que iyar 20 concorda unicamente cinco vezes

(17) Para o monumento, ver M. Le Marquis Melchior de Vogé, *Inscription Araméenne Trouvée en Egypte, em Comptes Rendus des Séances de L'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 3-7-1903, págs. 269-276 e ilustração.

(18) Parker e Dubberstein.

(19) Como o professor Kraeling o sugeriu verbalmente a S. H. Horn.

(20) É impossível colocar ali os números 15 ou 20, porque 15 ou 20 de iyar nunca coincidiu com 20 de tybi durante o século V A. C.

com tybi 20, uma vez no reinado de Dario, no ano 496 A. C.; duas vezes sob Xerxes, nos anos 482 e 471 A. C.; e duas vezes durante o reinado de Artaxerxes I, nos anos 457 e 446 A. C. Parece-nos ser desnecessário apresentar a prova do calendário para cada uma dessas datas, visto que o estado fragmentário deste documento e a ausência de um nome real não permite chegar a uma conclusão final para nenhuma das cinco datas possíveis.

Kraeling 1

Phamenot 25 = Sivã 20, Ano de Artaxerxes I (451 A. C.)

Embora neste papiro o escriba se aparte do método usual e dê primeiramente o mês egípcio, método adotado unicamente uma vez mais, no Kraeling 6, o número do ano era, com na maioria dos casos, o ano régio egípcio de Artaxerxes I, porque não é possível encontrar harmonia entre as datas se se intentasse identificar o ano 14, segundo o cômputo judaico. Portanto, deve atribuir-se a um engano do escriba esta alteração da seqüência.

O dia 25 de pharmentot do 14º. ano régio egípcio de Artaxerxes I correspondia a 6/7 de julho (sS a sS) de 451 A. C. Conseqüentemente, sivã correspondia a 5/6 de julho (pS a pS) ou a 6/7 de julho (pS a pS). A conjunção da Lua nova ocorreu em 16,59 de junho (às 14,09), o que dá um período de traslação de 16 centésimos de um dia (3 horas, 50 minutos) se o dia 1º. de sivã coincidia com 16/17 de junho (pS a pS), ou a 1,16 dias (27 horas, 50 minutos) se o 1º. de sivã coincidia com 17/18 de junho (pS a pS) de 451 A. C.

Kraeling 2

Tammuz 18 = Pharmouti 3 do Ano 16 de Artaxerxes I (449 A. C.)

Neste papiro estão danificados o nome do mês judaico e o número do dia egípcio. Foram restaurados com base nos cálculos feitos sobre o calendário, visto que tammuz é o único mês judaico que tem um 18º. dia que pode sincronizar-se com qualquer dia do mês de pharmouti no 16º. ano régio egípcio de Artaxerxes I. Restaura-se o dia 3 de pharmouti porque dá os melhores períodos de traslação. Em vista de alguns dos períodos baixos da traslação dos papiros anteriores, não se pode desprezar totalmente o 2 de pharmouti como a data egípcia correta, por crê-la impossível. Os dados seguintes expõem as diversas possibilidades.

O dia 2 de pharmouti do 16º. ano régio egípcio era o 12/13 de julho (sS a sS) de 449 A. C.; 3 de pharmouti era 13/14 de julho (sS a sS). O dia 18 de tammuz deve ter sido uma destas três datas possíveis: 11/12 de julho, 12/13, ou 13/14 (pS a pS). A conjunção da Lua ocorreu em 23,92 de junho (às 22,04), e o período de traslação deve ter sido de 83 centésimos de dia (19 horas, 55 minutos) se o dia 1º. de tammuz foi 25/26 de junho, e de 2,83 dias (67 horas, 55 minutos) se 1º. de tammuz foi 26/27 de junho.

AP 13

Quisleú 2 (?) = Mesori 11(?) do Ano 19 de Artaxerxes I (446 A. C.)

A reprodução deste papiro⁽²¹⁾ contém só dois

traços visíveis do número do dia de quisleú, e não dá margem para o terceiro traço que Cowley considera "provável".⁽²²⁾ Visto que quisleú 3 produziria períodos de traslação extremamente baixos, quisleú 2, também decifrado assim por Honheim e admitido por Gutesmann como possível,⁽²³⁾ é, com muita mais probabilidade, a data judaica correta.

Existem vestígios muito tênues do número que acompanha o mês egípcio de mesori. Cowley, que tinha perante si o original, leu 10,⁽²⁴⁾ mas no facsímile publicado era possível ler-se também 11,⁽²⁵⁾ em cujo caso seria razoável o período de traslação para quisleú 2, como o demonstra o seguinte:

O dia 11 de mesori correspondia a 18/19 de novembro (sS a sS) de 446 A. C., e 2 de quisleú era 17/18 de novembro (pS a pS) ou 18/19 de novembro (pS a pS). Devido a que a conjunção ocorreu em 16,25 de novembro (às 6,00), o período de traslação era de 50 centésimos de dia (12 horas) se 1º. de quisleú era o dia 16/17 de novembro (pS a pS), ou de 1,50 dias (36 horas) se 1º. de quisleú era o dia 17/18 de novembro (pS a pS).

Este papiro é importante por demonstrar que não haviam intercalado um segundo elul durante esse ano. Parker e Dubberstein registraram em suas tábuas um segundo *elulu* não confirmado, no calendário babilônio para o ano 446/5 A. C.⁽²⁶⁾ Entretanto, visto que não existia regularidade para a inserção do segundo *elulu* no calendário babilônio antes do século V, não estamos seguros de que esse ano houvesse tido um segundo *elulu*. Esta incerteza no tocante aos meses intercalares não confirmados é demonstrada por ladrilhos procedentes de Ur⁽²⁷⁾ que foram dados a conhecer recentemente, os quais demonstram que foi intercalado um segundo *elulu* no calendário babilônio, no ano 409 A. C., em vez de no ano 408, e outro mais no ano 621 A. C., em vez de em 622, como o registam as tábuas de Parker e Dubberstein.⁽²⁸⁾

Se se pudesse demonstrar que os babilônios tinham um segundo *elulu* em 446/445 A. C., possuiríamos uma prova de que os judeus não intercalavam por um segundo elul, mas o faziam pelo emprêgo de um segundo adar. Como se apresentam as coisas agora, pode estabelecer-se unicamente que não é possível produzir provas para a afirmação de que os judeus empregavam sempre um segundo elul, mas ainda não é possível provar que eles jamais o empregaram.

(21) Sayce e Cowley, *op. cit.*, e a ilustração que contém o *Papyrus E*, 1-13.

(22) Cowley, *op. cit.*, pág. 38.

(23) *Ibidem*.

(24) *Ibidem*.

(25) Sayce e Cowley, *op. cit.*, e a ilustração que contém o *Papyrus E*, 1-12.

(26) Parker e Dubberstein, *op. cit.*, pág. 30.

(27) Figulla, *op. cit.*, pág. 6 (números 202 e 93.)

(28) Parker e Dubberstein, *op. cit.*, págs. 25 e 32.

Jesus, Deus e Salvador

R. E. LOASBY

(Professor de Idiomas Bíblicos do Seminário Teológico Adventista)

OS estudiosos da Bíblia que se aprofundaram na história social e religiosa da época do Novo Testamento, conhecem o que se refere ao culto do imperador que teve tão extraordinário alcance naquele tempo. Numerosos ladrilhos, inscrições em mármore e papiros gregos atestam que se dava aos imperadores títulos divinos, que as pessoas a eles se dirigiam como a *Kurios*, "Senhor", e *Theos* "Deus", em forma muito semelhante à que o Novo Testamento emprega para aplicar estes títulos a Deus e a Cristo. Uma obra que forneceu informação por mais de trinta anos acerca deste assunto é *Light From the Ancient Past*, de Adolf Deissmann.

O título *Kurios* "Senhor", tem sua origem em fontes hebraicas e aramaicas, e no emprêgo que dessa palavra faz a Septuaginta para traduzir o nome hebraico *Jehova*. Portanto, ao empregar o apóstolo Paulo esta palavra, e o fez mais de trezentas vezes, aplicando-a a Jesus Cristo, refere-se certamente à Sua divindade no sentido mais estrito. Provavelmente, quando Festo usou esta palavra aplicada a Nero (Atos 25:26 "escreva ao meu senhor"), conquanto primeiramente houvesse pensado na suprema autoridade política de Nero, não era inconsciente quanto ao caráter teocrático deste título aplicado ao imperador.

A aplicação da palavra *Kurios* no Novo Testamento como designação de divindade é, entretanto, só uma introdução à diversidade e ao acúmulo de provas por cujo meio o apóstolo Paulo particularmente apresenta a divindade e a igualdade de Jesus Cristo como membro da divindade.

Uma Regra da Gramática Grega

Outra parte dessa prova é que, segundo uma regra da gramática grega, Jesus Cristo, a segunda pessoa da Divindade, é igual em essência ao Pai e com Ele idêntico. Diz a regra o seguinte:

"Quando a conjunção copulativa *kai* relaciona dois substantivos do mesmo caso, se o artigo *ho* ou qualquer de seus casos precede o primeiro dos mencionados substantivos ou participios, e não é repetido depois do segundo substantivo ou participio, o último sempre se refere à mesma pessoa apresentada ou descrita por meio do primeiro substantivo ou participio; denota uma descrição mais ampla da primeira pessoa mencionada." — H. E. Dana e Julius R. Mantey, *A Manual Grammar of the Greek New Testament*, 1943. (Ver também A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*, pág. 785, 1919.)

Um exemplo desta regra, aplicado a homens, pode ver-se em Efésios 4:11, onde o apóstolo Paulo fala de alguns dons de Deus. Nesse passo as palavras "apóstolos," "profetas," "evangelistas," têm cada uma delas seu artigo definido próprio, por cujo meio é manifesto que são coisas diversas. Nas palavras "pastôres" e "doutôres", porém, a primeira

tem o artigo definido grego, mas "doutôres" não o tem, e as duas palavras estão ligadas por uma conjunção "e". Devido a isto as duas palavras se referem a uma só espécie de pessoas: os pastôres, isto é, doutôres, referente aos anciãos da igreja que eram doutôres-pastôres. Em tal caso a segunda palavra é uma descrição mais ampla ou uma ampliação da primeira.

Esta regra se aplica também às palavras "Deus" e "Pai" quando a palavra "Deus" tem um artigo definido e "Pai" não o tem, e ambas estão ligadas pela partícula "e". Ver Romanos 15:6, onde a primeira pessoa da Divindade, a quem se quer glorificar, é definida mais precisamente como o "Pai de nosso Senhor Jesus Cristo." Neste passo a palavra "Deus" tem o artigo definido grego, mas "Pai" não o tem e ambas estão unidas pela conjunção "e". Neste caso, em harmonia com a regra da gramática grega, o segundo termo é uma descrição mais ampla do primeiro. Encontramos numerosos exemplos em I Cor. 15:24; II Cor. 1:3; Gál. 1:4; Efés. 5:20; Fil. 4:20; I Tess. 1:3; 3:11 e 13.

Esta mesma regra se aplica a Jesus Cristo na expressão "Senhor e Salvador Jesus Cristo" (II S. Ped. 1:11). Aos crentes lhes é prometida a entrada no reino eterno. O artigo definido aplicado a "entrada" ocorre no texto grego, para referir-se ao próprio ato de entrar no reino eterno, ato que foi tão diligentemente pregado. Descreve-se esse reino eterno como o de "nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo." Aqui "Senhor" tem o artigo definido, mas "Salvador" não o tem. Ambos estão unidos pela conjunção "e". De maneira que aquele a quem se apresentou como "Senhor" nos é descrito mais amplamente como "Salvador." Outros exemplos deste mesmo emprêgo os encontramos em II S. Ped. 2:20; 3:18. Deveríamos comparar esses passos com II S. Ped. 1:1, onde encontramos a oração "pela justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo." Aqui novamente se aplica a regra: "Deus" tem o artigo definido, mas "Salvador" não o tem, e ambos estão unidos pela conjunção "e". Ambos os substantivos se referem, pois, a uma mesma pessoa: "pela justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo". A mesma regra se aplica, também, ao versículo 2: "pelo conhecimento de Deus e de Jesus nosso Senhor." Aqui o apóstolo substitui *Kurios*, "Senhor," por *Soter*, "Salvador." Como os crentes devem ter pleno conhecimento: o apóstolo não usa a palavra *gnosis*, "conhecimento," que pode ser falso, mas *epignosis*, um conhecimento pleno e verdadeiro, um conhecimento que nunca pode ser falso. Tal conhecimento tem sua fonte em Jesus Cristo, que é Deus, Senhor e Salvador. (Ver II Tess. 1:12; Tito 2:13; Efés. 5:5; S. Judas 4.)

Tito 2:13

Um versículo que na tradução Almeida aparentemente apresenta duas pessoas diversas, mas no grego está em realidade falando de uma única, é

Tito 2:13: "Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus."

A história eclesiástica diz-nos que os arianos aplicavam a expressão "grande Deus e Salvador Jesus Cristo" a duas pessoas, aplicando ao Pai a primeira parte: "grande Deus." O estudo acurado dêste passo não permite essa interpretação. O apóstolo está exortando a Tito e a seu grupo de crentes a que continuem esperando com expectativa a segunda vinda de Jesus Cristo. Descreve esta vinda literalmente como a manifestação exterior da glória. Paulo nunca aplica ao Pai esta manifestação externa da glória; usa-a somente com relação à segunda vinda de Cristo, no fim do tempo. (Ver I Cor. 1:7 e 8; Fil. 1:6; 3:20; II Tess. 2:8; I Tim. 6:14 e 15; II Tim. 4:1.) Além disso, se se refere a duas pessoas da Divindade, o artigo definido grego que precede "grande Deus" também deveria repetir-se antes de "Salvador."

A palavra grega *epiphania*, traduzida aí por "aparecimento", ocorre em II Tess. 2:8 com a palavra grega *parousia*, "vinda," palavra que nunca pode

aplicar-se ao Pai. Este termo traduzido por "aparecimento", em Tito 2:13 e "vinda" em II Tess. 2:8, com ênfase na manifestação externa, reza, literalmente "pelo esplendor da Sua vinda". A pessoa do Pai permanece invisível (Col. 1:15; I Tim. 1:17), mas o Filho terá uma *parousia*, uma vinda com grande glória perante todos os homens (S. Mat. 24:3, 27, 37 e 39; I Cor. 15:23; I Tess. 2:19; 3:13; 4:15; 5:23; II Tess. 2:1 e 8; S. Tiago 5:7 e 8; II S. Ped. 1:16; 3:4; I S. João 2:28).

Em conformidade com a regra gramatical grega que estamos comentando, temos em nosso versículo o artigo definido diante de "grande Deus", mas não antes de "nosso Senhor Jesus Cristo"; e estas duas expressões estão ligadas por uma conjunção "e". Isto faz que a expressão "nosso Senhor Jesus Cristo" se refira a "grande Deus", como a uma pessoa, e é uma descrição mais ampla de "grande Deus." Assim, pois, Paulo exorta Tito a perseverar na esperança do aparecimento pessoal e da glória do grande Deus e Salvador, Jesus Cristo, nosso Senhor.



OBRA PASTORAL

O Preparo do Sermão

A. W. STAPLES

(Presidente da Associação do Cabo, Sul da África)

O ARQUIVO de sermões, sempre à mão, pode converter-se num laço para o pregador adventista. A circunstância de êle saber que contém muitos sermões já preparados, pode induzir o pregador a descuidar tanto o preparo do coração como do sermão para certas ocasiões especiais. Sermões velhos, enrugados pela idade e sensabor, por muito repetidos, tornam-se evidentes em muitas de nossas pregações.

"Tem Cuidado de Ti Mesmo"

Em I Tim. 4:16, o apóstolo Paulo dirige ao jovem Timóteo um convite e, por meio dêle, a todos os pregadores. Esse convite é digno da maior consideração e de estudo cuidadoso: "Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina: persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás a ti mesmo como aos que te ouvem."

"Tem cuidado de ti mesmo." Em última análise, o sermão é o homem. O sermão nunca se elevará a nível intelectual e espiritual superior ao de que goza o próprio pregador. O preparo do homem, portanto, é o preparo do sermão. Somente pregadores vivos, que continuamente se desenvolvam, pregarão sermões vivos e que continuamente se desenvolvem.

Quem conhece a Deus, conhecer-se-á a si próprio. Com base em seu conhecimento do poder

e da bondade de Deus, surgir-lhe-á na alma a convicção de sua própria fraqueza e ineficiência naturais, pela obra do Espírito Santo. Quem sente a Deus em sua vida não pode ser orgulhoso; quem se vê a si próprio será humilde. A humildade é certamente uma compreensão de necessidade, sem a qual ninguém pode preparar-se para pregar. Nesse preparo do coração o pregador deve estar inspirado por um motivo puro, porque é impossível que o ministro cause impressão de que é muito capaz, e ao mesmo tempo aponte para Jesus como a um Salvador plenamente suficiente. Ao postarem-se perante a congregação, todos quantos não falam impulsionados pelo puro motivo de exaltar a Jesus e ganhar almas, oferecem "fogo estranho" perante o Senhor. Este perigo mortal sempre assalta o ministério. Tenhamos cuidado, pois, de nós mesmos, e preparemos humildemente o coração e a mente para o ministério da Palavra.

A Necessidade de Estudar

"Procura apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a Palavra da verdade." (II Tim. 2:15.)

O verdadeiro pastor interessa-se pelos seus membros. Esse interesse capacitá-lo-á para privar com êles em forma amigável e aprender a conhecer-lhes

as provações e tentações, suas fraquezas e necessidades, seus anseios e aspirações. A medida que aprende a conhecê-los, entretêm-se suas vidas, e o Espírito Santo lhe atea na alma profundo amor por eles. O amor é portador do anelo de salvá-los.

O anelo de salvar as almas no ambiente de suas necessidades conhecidas, anelo inspirado pelo amor, o inspira por sua vez a preparar êle próprio o sermão. Não escolherá o sermão com folhear o arquivo de sermões velhos, mas preparará um novo para atender às necessidades das almas confiadas ao seu cuidado. A Bíblia e o Espírito de profecia adquirirão vida nova, e dêles surgirão sermes vivos. Tôdas as leituras e observações do pregador terão um novo propósito. Sua mente e seu caderno de apontamentos estarão cheios de novas idéias e ilustrações ali entesouradas para enriquecer e iluminar-lhe as mensagens. Estudará com mentalidade homilética que lhe encherá a alma de gordura espiritual.

O pregador eficiente considera seus sermões como ferramenta, destinada a realizar uma obra específica na vida dos ouvintes. Manterá um registro de seus sermões para que sua pregação seja equilibrada e tenha a certeza de que está comunicando aos seus ouvintes todo o conselho de Deus. Desta maneira o pregador que continuamente cresce dará sempre ao seu auditório alguma coisa que o ajudará a desenvolver-se.

O Preparo para o Próximo Sábado

1. Agora chegamos ao assunto da escolha de um assunto definido. O pregador pode passar horas e dias, até que se decida neste sentido. Quais são as necessidades dos irmãos? Dá voltas a esta pergunta uma e outra vez na mente à medida que estuda e ora, até que o assunto surge, e só isto tem importância.

2. Munido de lápis, papel, da concordância e de livros, faz uma oração, senta-se e faz uma lista de tudo quanto lhe parece importante com relação ao assunto. Deve ter muito cuidado de fazer uma lista que abranja idéias, citações, textos e ilustrações.

3. De tôda essa lista de material escolhe primeiramente sua conclusão. Deve ser um versículo acompanhado de uma ilustração ou citação. Esta conclusão deve ser a culminação de todos os seus pensamentos, e conterà um apêlo para que os ouvintes se dediquem a fazer alguma coisa.

4. Uma vez escolhida a conclusão, o pregador sabe justamente aonde vai e o que quer que as pessoas façam. Imediatamente depois escolhe sua introdução. Quando as pessoas se reúnem, estão pensando em assuntos vários. Portanto, a introdução deve ser interessante e atraente. Deve reunir os pensamentos de todos e induzi-los a prestar atenção ao que irá dizer.

5. O primeiro texto deverá apresentar o assunto com que os ouvintes já foram interessados. Deverá estimular-lhes o pensamento e a vontade, e induzi-los a concentrar-se no assunto.

6. Deveríamos comparar o sermão a uma escada. Começa onde a gente está, e ao subir degrau a degrau, deve levá-los aonde Deus deseja que estejam. A introdução é a trama inicial, e a conclusão é o último degrau na escada do sermão. Da lista feita deverá reunir-se o material, ponto por ponto, em ordem ascendente e lógica. Isto assegurará um movimento ascendente no sermão, a partir da introdução até à conclusão. Isto é essencial para manter o interesse.

7. As ilustrações são semelhantes a janelas; deixam entrar a luz. O pregador usa-as de quando em quando e comedidamente. Devem elas iluminar os versículos empregados. Deverão atrair a atenção, não para si próprias, mas para o versículo que devem ilustrar. Uma ilustração que seja lembrada quando o sermão já houver sido esquecido, não cumpriu o propósito para que foi empregada. Evite-se a tentação de entreter os ouvintes contando-lhes histórias, preferível é conhecer-se o ministro como expositor das Sagradas Escrituras, de pensamento profundo, linguagem eloqüente e estilo dinâmico.

8. O sermão não deverá conter material demasiado. Seja êle estrito e elimine tudo quanto não seja essencial para a introdução, o desenvolvimento e a conclusão do tema. Isto dará tempo e lugar para que Jesus esteja em cada sermão. Sômente ao fazermos de Cristo o centro de todo sermão, dará o Espírito Santo testemunho dos sermões que pregamos.

Meditação e Oração

Poderá ser que o ministro não tome muito tempo para esboçar seu sermão, mas ao terminar o esboço, êle ainda estará no papel. Teve o pregador "cuidado da doutrina." Necessário é, então, que se entregue a Deus, juntamente com seu sermão, ajoelhando-se para orar.

Paulo diz: "Medita nestas coisas." Tome o ministro seu esboço e suas notas e saia a caminhar. Imagine sua congregação. Pese cada ponto do esboço, e sublinhe sua meditação com uma oração elevada a Deus suplicando a presença do Espírito Santo. O salmista declara: "Incendeu-se dentro de mim o meu coração; enquanto eu meditava se acendeu um fogo; então falei com a minha língua." (Sal. 39:3.)

Sim, dedique uma hora à meditação e oração, até que o coração arda com fogo sagrado. Então o sermão não mais estará no papel; estará no coração. Então poderá falar com sua língua, e o coração lhe aflorará aos lábios. Necessita-se justamente dêsse afloramento do coração para que o sermão seja verdadeiramente eloqüente e possua o poder de ganhar almas. Sômente o sermão que primeiramente levou o pregador a comungar intimamente com Deus, que lhe fez bem à própria alma, pode ser utilizado pelo Espírito Santo em favor de outros. Paulo, o evangelista, termina dizendo: "Porque, fazendo isto, te salvarás a ti mesmo como aos que te ouvem."

"Diante da honra, vai a humildade. Deus escolhe para ocupar um elevado pôsto diante dos homens, o obreiro que, como João Batista, procura um lugar humilde perante Deus." — O Desejado de Tôdas as Nações, pág. 436.

O Estudo Pessoal da Bíblia

E. STANLEY JONES

A ORAÇÃO e a Bíblia têm sido os dois braços da âncora que me têm retido para a realidade em meio das tormentas e inquietações da vida. Eu as separei, e no entanto, em minha experiência, chegaram a ser parte de um todo único.

No estudo da Bíblia, Deus me fala e, em oração, eu falo com Deus: é um tráfego em duas direções. Na Palavra, Deus está em comunhão comigo, e na oração Deus está em comunhão comigo e eu com Ele.

O estudo da Bíblia, porém, é o ponto de partida; é a primeira coisa que faço antes de começar a orar; assim começo a pensar e a orar na devida direção. Se começo a orar sem estudo bíblico, começo com os meus desejos, mas se o faço com a Bíblia, começo com os desejos de Deus para mim mesmo. Se a pessoa começa consigo própria provavelmente terminará também consigo mesma e virá a ser pessoa egocêntrica, conquanto pareça ser muito religiosa. Mas se começa com a Palavra, começará com Deus; vindo a ser pessoa centralizada em Deus. Não será ela o centro do universo, mas sê-lo-á Deus.

Mas o Deus que é o centro de seu universo não será o Deus de sua imaginação, mas o Deus revelado a nós em Jesus Cristo. Não começamos com nossa idéia de Deus, mas com a idéia de Deus mesmo, simplificado, compreensível, acessível, disponível. Jesus é Deus falando uma linguagem que podemos compreender — uma linguagem humana — e mostrando-nos Seu caráter no lugar em que podemos entendê-Lo, isto é, na corrente da história humana. O verbo [A Palavra] se fez carne.

Mediante a Palavra com que nos falou, limpamos de todo mal; portanto, ao ir eu diariamente a essa Palavra recebo um banho diário espiritual. Vivo durante o dia do universo limpo, sem importar-me da imundície que possa haver em meu redor.

Por meio de Sua Palavra não somente me limpa, também me guia, pois para minha direção geral tenho a vida e os ensinamentos de Jesus. Ali vejo o que Deus é e o que eu devo ser quando, estando em dúvida, verifico que a coisa mais digna de Cristo é também a mais elevada e segura.

E não somente recebo direção, mas recebo poder para tornar prática essa direção, pois dentro das páginas deste Livro encontro homens débeis que chegam a ser fortes; homens impuros que chegam a ser puros; homens em confusão que chegam à

certeza; e homens derrotados que chegam a ser vitoriosos. Esse é o ensino e poder ao mesmo tempo.

Além de tudo isso, encontro aí o estímulo que comunica entusiasmo à vida. Acho uma eterna frescura; nunca endurece, como o pão frio; se há dureza, é que eu a trago e a projeto ali. Então, e somente então, endurece.

Alguma coisa há, inesgotável, na Palavra; um dia me parece que me aprofundei em sua significação, e no dia imediato encontro outra significação mais profunda que não havia conhecido. Hoje em dia é mais fresca e mais viva do que há quarenta e cinco anos, quando como jovem cristão imprimi meus lábios em suas páginas, em gratidão por tão admirável redenção. É uma "fonte de água que salta para a vida eterna".

Assim cada dia, com o lápis na mão, aproximamente desta Palavra, esperando que de suas páginas brote algum pensamento vivo. Tomar do lápis é um ato de fé, uma atitude de expectativa, e nunca, ou rara vez, sai desiludido. Escrevo o que me ocorre, porque se o não faço, escapa-me como por uma peneira.

Ao abrir a Bíblia, os passos seguintes me ajudam muito:

1. Aquieto a mente, porque Deus sempre nos fala no silêncio.
2. Logo minha mente vai, de versículo a versículo, perguntando qual é o seu significado geral. Ao encontrar eu esse significado geral, faço-me outra pergunta:
3. Qual é o seu significado para mim?, pois Deus me está falando a mim nestas palavras.
4. Como posso aplicá-las hoje em dia à minha vida?
5. Faço novo silêncio para que o Senhor prosiga falando-me.
6. Peço poder para pôr em prática o que compreendo.
7. Creio que me concede poder, e agradeço-Lhe.

Verifico que os cristãos que descuidam sua Bíblia e confiam nalguema direção proveniente de sua própria intuição, logo se encontram tateando nas trevas ou na imaginação. Não tardam a guiar-se por seus próprios desejos e projetos, com base no inconsciente, e a isto chamam direção divina. — Publicado no jornal *El Mundo*, de Cuba, pelo Rev. Raul Fernandez Ceballos, reproduzido em *La Bíblia en América Latina*, nº. 40.

"Aquêle que mais profundamente experimenta sua necessidade do auxílio divino, há de rogá-lo, e o Espírito Santo lhe dará vislumbres de Jesus que lhe fortaleçam e elevem a alma. Sairá, depois de comungar com Cristo, para trabalhar em benefício dos que se acham a perecer em seus pecados. Está ungido para a sua missão; e é bem sucedido onde muitos sábios haviam de fracassar." — O Desejado de Todas as Nações, pág. 436.



BRA PASTORAL — A Pastora

Sois Espôsa de Aspirante ao Ministério?

Sra. DANIEL R. GUILD

(Espôsa de Ministro, Associação Sul-californiana)

[Queríamos ter alguma coisa para as espôsas de nossos aspirantes ao Ministério. E por que não obtê-la de uma de nossas jovens espôsas de aspirantes, para quem a experiência e suas lições não perderam a frescura? Conhecedores da extraordinária contribuição da Sra. Guild para o jovem marido em séries de conferências nas nossas cidades principais, pedimos-lhe este artigo. Está ela especialmente capacitada para escrever, pois nestes últimos anos, ela e o marido assumiram a responsabilidade de instruir vários outros aspirantes e suas espôsas.]

NÃO faz muito tempo que sou a espôsa de um aspirante ao ministério. Como eu gostaria de haver sabido, desde o início, o que era esperado de meu marido e de mim! Desde então tenho observado muita coisa que me tem auxiliado, e espero que me auxiliará.

Na condição de aspirante, vosso marido está em base temporária — em caráter experimental, por assim dizer. Sem dúvida está trabalhando com um obreiro experiente que procura guiá-lo, instruí-lo e comunicar-lhe experiência prática que o ajudarão no futuro. Se logo de início reconhecerdes que vosso marido ainda está no estágio de preparo para a vocação vitalícia, e, simplesmente por haver sido incluído na fôlha de pagamento, ainda não atingiu o seu alvo; podereis ser-lhe muito melhor ajudadora. Agora é a vossa oportunidade de “pôr mãos à obra” e auxiliar de toda maneira possível para tornar-lhe bem sucedido o trabalho. Ele necessita de vosso auxílio agora mais do que noutra tempo qualquer.

O aspirante em geral não reconhece inteiramente todas as responsabilidades com que um pastor tem que arcar, senão vários anos mais tarde, quando lhe fôr entregue o cuidado de uma igreja. Percebe, então, que se houvesse compreendido mais cedo essas responsabilidades, teria sido aspirante mais eficiente e ainda mais teria auxiliado o pastor com quem trabalhava.

Tratemos de compor uma lista das obrigações e privilégios do ministro ordenado. Eles constituirão o trabalho de vosso marido, com a aprovação divina, dentro de poucos anos, a contar de agora: visitas pastorais; conselhos pastorais a qualquer hora do dia ou da noite; ministério público; estudo; preparação para os sermões; amparo da escola primária; amparo e liderança de todos os grupos da igreja; direção da comissão da igreja; atenção aos doentes e necessitados; atenção aos inválidos; cuidado dos faltosos e negligentes; infatigável companherismo em época de crise; problemas financeiros da igre-

ja; edifício da igreja e sua manutenção; correspondência; publicidade; campanha da recolta; campanhas de *A Revista Adventista*; e *O Atalaia*; semana de oração dos jovens e adultos; promoção de ofertas especiais. Todos esses, e outros mais, constituem o trabalho do pastor.

Há, ainda, a segunda fase do trabalho de conquista de almas pelo qual o pastor é responsável — a evangelização dos não adventistas no território. Isto inclui: dar estudos bíblicos, organizar a igreja para o serviço, e às vezes, campanha de evangelização em grande escala. No decorrer dessa campanha, além das responsabilidades normais, tem o ministro vários sermões mais que preparar por semana, anúncios, e pormenores, e mais pormenores. Além disso, existe o pesado plano de visitas, inclusive às pessoas com quem os aspirantes estudam.

Se vós e vosso espôso avaliardes um pouco a carga que pesa sobre o ministro ordenado com quem trabalhais, sereis mais compreensivos e cooperadores e estareis em melhores condições de ajudá-lo a suportar as suas cargas. Ele não fará de vosso marido um recadeiro. Mas sem dúvida lhe dará trabalho suficiente para mantê-lo ausente de casa pela manhã, à tarde e à noite. Ajudai-o, animai-o, orai por ele, orai com ele, e incentivai-o a fazer o máximo dessas preciosas oportunidades que o estão capacitando para assumir pesadas responsabilidades.

Talvez a maneira melhor de atingir em cheio o vosso alvo seja o exame das duas listas seguintes:

Como Fareis Fracassar o Trabalho de Vosso Marido

1. Alheiai-vos do seu trabalho e não vos interesseis por ele. Nunca o acompanheis a um estudo bíblico; nunca vos importuneis com os seus problemas nem busqueis ajudá-lo a solvê-los.

2. Fazei com que vosso marido faça o vosso trabalho. Tratai de que vos não abandone, deixando, assim, de estar na reunião dos obreiros, quando pensais que ele deva ficar em casa cuidando do bebê e vós ides à cidade. Tratai de mandá-lo ao armazém, pelo menos uma vez por dia, e de que vos auxilie na lavagem da roupa.

3. Tratai de que seja bastante interrompido. Nunca o poupeis dos chamados telefônicos. Quando estiver estudando e o bebê chorar, mandai-o atendê-lo. Se estais com o bebê no colo e sabeis que as panelas precisam ser remexidas, chamai-o sem hesitação. Cuidai especialmente de que fique bem ocupado pela manhã, antes de sair para o

trabalho, de forma que não tenha tempo para a oração matinal.

4. Tende a certeza de que nunca faça as refeições em devido tempo. É possível que o ministro arrange o seu ritmo de trabalho de maneira tal que possa tomar suas refeições regularmente em pelo menos 95 % das vezes. É simplesmente questão de organização. Mas se quiserdes fazer vosso marido fracassar, certificai-vos de que coma a horas irregulares (êste é o caminho certo para a úlcera estomacal.)

5. Elogiai vosso espôso por tudo quanto fizer. Nunca o ajudeis com sugestões para os seus sermões—seu vocabulário fraco, seus gestos deselegantes, sua pronúncia incorreta.

6. Tratai de que não se vista com correção. Nunca lhe passeis a roupa nem lhe tireis as manchas; não o deixeis engraxar o calçado mais que uma vez por semana.

7. Lembrai-vos de que podeis usar o que quiserdes e procederdes como bem vos aprouver, e não permitir que os membros da igreja vos controlem a vida. Por que não poderíeis usar certas jóias, uma pintura discreta, andar um pouco em desalinho? Por que não faríeis um pouco de mexerico? Vosso marido é o ministro na casa, e não vós!

8. Mantende vosso espôso individualizado. Queixai-vos do salário pequeno, e insisti em possuir vestidos à última moda e o melhor em tudo.

Como Tornar Bem-Sucedido Vosso Marido-Aspirante

1. Dai atenção especial ao vosso próprio coração. Tomai tempo para o período da devoção matinal ou criai tempo para ela. Se tendes filhos, talvez não a possais realizar bem cedo, de manhã, mas fazei-o em qualquer nesga de tempo. Se quisermos ser fortes no Senhor, isso se nos torna uma obrigação.

2. Fazei do trabalho de vosso espôso o vosso próprio trabalho. Aconselhai-o, orai com êle, quando as coisas parecerem difíceis, animai-o. Nunca permitais que o desânimo vos domine, antes mantende-vos animada e feliz no Senhor. Talvez tenhais que gastar o dinheiro que quereríeis economizar, mas pagai com êle alguém, de quando em quando, de forma que possais fazer visitas com vosso marido. Se o fizerdes, constatareis quão cansativo é fazer visitas horas e dias seguidos. Melhor compreendereis o seu trabalho e melhor conselheira sereis. Freqüentai tôdas as reuniões de que êle é participante, para vos relacionardes com a obra de ganhar almas. Fazei com êle algumas visitas a pessoas interessadas. Mais tarde, ao realizar êle séries de conferências, vós lhe sereis a conselheira da máxima confiança.

3. Sêde boa mãe. Por meio de fervorosa e cuidadosa instrução, fazei de vossos filhos um exemplo para os demais. Praticai a devoção matinal. O melhor momento será o da refeição matinal. O culto da noite, talvez tenhais que fazê-lo com os filhos. Ajudai vosso marido a ser bom pai. Com a preocupação de seu trabalho intenso é-lhe fácil negligenciar os filhos. Lembrai-o de quando em quando que uns quinze minutos de brincadeira com as crianças, depois do jantar, alegrarão o coração dos filhos, por isso elas esperarão com ansiedade o dia todo, e manterão com êle os laços de

confiança que poderão equivaler a manter-lhes firmes os passos na senda para a vida eterna.

4. Sêde amigos dos vizinhos. Esforçai-vos por ganhá-los para a verdade. Sêde bons membros da igreja. Talvez não possais desempenhar um cargo na igreja; mais importante é que garantais o bom êxito de vosso marido. Podeis, porém, tratar amigavelmente os membros e os estranhos. Podeis dirigir uma palavra de animação ao oficial da escola sabatina, a um rapaz ou mocinha e a uma jovem mãe. As pessoas mais idosas também apreciarão o vosso interesse e manifestação de amizade.

5. Animai vosso marido na vida espiritual. Poupai-o dos chamados telefônicos, dos vendedores ambulantes, dos filhos e até da própria espôsa durante as suas horas de devoção e estudo. Despertai-lhe o interesse na leitura. Ajudai-o a encontrar tempo para o estudo e a oração.

Lembraí-vos de que vosso marido é o pastor. Vós sois a pastora do seu rebanho. Diz a Bíblia que os que "ficam com a bagagem" são absolutamente tão necessários quanto os que descem à pelega. Tendes um privilégio, um desafio, uma responsabilidade. Seria realmente uma tarefa impossível de executar caso não houvesse o auxílio dAquele que diz: "Eu te esforço, e te ajudo, e te sustento com a destra da Minha justiça."

A Segunda Assembléia . . .

(Continuação da pág. 24)

Outro orador, o Sr. D. T. Niles, da Índia, declarou perante a grande assembléia: "Muitas causas há que explicam a ausência de resultados na obra evangélica, mas a principal delas é em geral a falta de amor expectante. Amiúde não nos ocupamos suficientemente com os seres humanos como seres humanos. Preocupamo-nos do evangelismo, mas essa preocupação é em grande medida conseqüência de um desejo de cumprir nosso dever evangélico como cristãos. Mas o evangelismo, a fim de que o seja em realidade, deve deixar de ser um dever; deve converter-se em alguma coisa inevitável."

Em sua fala, o cônego de Washington, T. O. Wedel, descreveu a igreja como "um exército evangelizador em marcha e um local de repouso só entre campanhas, quando se retorna à base para refazer as fôrças e receber novas ordens." "Não temos o direito, acrescentou, ao nosso repouso sabático ou ao nosso prometido fim, sem que o Evangelho tenha sido pregado em todo o mundo."

Reuniram-se em Evanston 1.500 delegados, precedentes de quarenta e oito países e representando 161 diversos agrupamentos cristãos. A atmosfera estêve saturada de uma comunhão amigável, e conquanto não possamos predizer os resultados finais, podemos orar ao Senhor para que abra os olhos dos que sinceramente estão tratando de servi-Lo, e desta maneira muitos possam ser induzidos a apreciar em maior medida Sua Palavra e a gloriosa doutrina da esperança da volta de nosso Senhor. — Roy Allan Anderson.

A Espôsa do Ministro

W. NOACK

(Secretário Departamental, União Sul-germânica)

NÃO resta dúvida de que a mulher tem a sua tarefa para cumprir no tocante ao evangelismo. Romanos 16 dá disso testemunho, com a menção das atarefadas irmãs Febe, Priscila e Maria, Trífena e Trífosa, Pérsida, mãe de Rufo e Tércio, Júlia e a irmã de Nereu. Salientaram-se elas no serviço da igreja e haviam feito muito trabalho para o Senhor. Cita-as o apóstolo como "meus cooperadores em Cristo Jesus." Estas palavras são um valioso reconhecimento do solitário apóstolo para com seus coobreiros que se faziam acompanhar de uma mulher irmã (I Cor. 9:5) que se preocupava mais do que com o bem-estar físico de seu marido.

A espôsa do ministro arca com grande responsabilidade. Vêzes há em que seu marido está sobrecarregado do pêso das almas que entram para a igreja e dela saem; então ela lhe suaviza as angústias de alma. Amparada pelo poder de Deus ela lhe serve o refrigério que lhe fornece dia a dia o necessário estímulo para o trabalho. Se êle é o sacerdote da família, ela é a coadjutora que se interessa com tôda a intensidade dalma na instrução e educação dos filhos. Como bom pregador, êle faz, por vêzes, menção amistosa do trabalho dela. Ela o ampara, talvez dissimulada e encobertamente, e sente-se feliz com isso. Em tôda parte na igreja ela é vista onde há alguma coisa para ser feita. Por isso, a Sra. Ellen G. White escreveu, não apenas por inspiração divina, mas também com base na experiência de sua própria vida:

"Antigamente a espôsa do ministro sofria necessidades e perseguições. . . Sua vida achava-se em constante perigo. Salvar almas era seu grande objetivo, e por êle sofria de bom grado. . . Com mansidão e humildade, mas todavia com confiança em si mesma, ela deve exercer no espírito dos que a rodeiam uma influência orientadora, desempenhando seu papel e levando sua cruz e encargos na reunião, em tôrno do altar da família e na conversação no círculo familiar. O povo assim o espera, e se essa expectativa se não realiza, a influência do marido é destruída por mais da metade.

"A espôsa de um ministro pode fazer muito, se quer. Se fôr dotada de espírito de sacrifício, e tiver amor pelas almas, poderá fazer com êle outro tanto de bem. Uma irmã obreira na causa da verdade pode compreender a tratar, especialmente entre as irmãs, de certos casos que se acham fora do alcance do ministro. . .

"O marido . . . pode receber a honra dos homens, ao passo que a lidadora do lar talvez não receba nenhum louvor terrestre por seus labôres; mas, em ela trabalhando o melhor possível pelos interesses de sua família, buscando moldar-lhes o caráter segundo o Modelo divino, o anjo relator escreveu-lhe o nome como o de um dos maiores missionários do mundo." — *Obreiros Evangélicos*, págs. 197-199.

No espaço de mais de trinta anos de trabalho evangélico tive muitos auxiliares ativos e competentes. Mas ao chegar eu a um lugar que apresentava dificuldade tôda especial, ou começar o trabalho num salão público, então era a minha espôsa quem ficava à mesa dos livros e folhetos que, em geral, costumávamos ter. Pensavam os visitantes que apenas estavam comprando um livro ou folheto, mas mais tarde minha espôsa me entregava alguns endereços. Se havia um "caso" todo especial, e se tratasse de uma senhora, eu mandava minha espôsa antes de mim. Quando, por fim, a "sua" alma estava batizada, eu a punha no "meu" relatório. O fato mais precioso de todos, porém, é que nossos filhos, agora já adultos, se converteram ao Senhor. Graças a Deus por isso.

Em homenagem a tôda genuína espôsa de ministro, findo com as palavras do apóstolo João, em sua segunda epístola:

"A senhora eleita, e a seus filhos, aos quais amo na verdade. . . muito me alegro por achar que alguns de teus filhos andam na verdade, assim como temos recebido o mandamento do Pai. E agora, senhora, rogo-te, não como escrevendo-te um novo mandamento, mas aquêle mesmo que desde o princípio tivemos: que nos amemos uns aos outros." (II S. João 1-5.)

"A obra das mulheres está satisfazendo a uma positiva necessidade — das mulheres que se consagraram ao Senhor e se estão votando a ajudar um povo carecido, vítima do pecado. É preciso que se faça obra evangelística pessoal. As mulheres que empreendem essa obra, levam o evangelho aos lares do povo nos caminhos e valados. Lêem e explicam a Palavra às famílias, orando com elas, cuidando dos doentes, aliviando-lhes as necessidades temporais. Apresentam a famílias e indivíduos a influência purificadora da verdade. Elas mostram que o meio de alcançar a paz e a alegria, é seguir a Jesus." — *Test. Sel.*, [Edição Mundial] Vol. II, pág. 405.



CONSELHO do Espírito de Profecia

Privilégios e Responsabilidades da Espôsa do Ministro

Sra. ELLEN G. WHITE

QUANDO fôr possível, vão o ministro e a espôsa juntos. A mulher pode muitas vèzes trabalhar ao lado do espôso, efetuando um nobre serviço. Ela pode visitar os lares do povo e ajudar as mulheres nessas famílias por uma maneira que não é possível ao marido...

Escolhei senhoras que desempenhem diligentemente sua parte. O Senhor servir-Se-á de mulheres inteligentes na obra de ensinar. E ninguém pense que essas senhoras que compreendem a Palavra, e que têm aptidão para ensinar, não devam receber remuneração por seu labor. Elas devem ser pagas tão certamente como seus maridos. Grande obra têm as mulheres a efetuar na causa da verdade presente. Pelo exercício do tato feminino e um sábio emprêgo de seu conhecimento da verdade bíblica, elas podem remover dificuldades que nossos irmãos não podem abordar. Necessitamos de obreiras que trabalhem em ligação com seus maridos, e devemos animar as que desejam ocupar-se neste ramo de esforço missionário. — *Evangelismo*, pág. 491.

A mulher, caso aproveite sàbiamente o tempo e suas faculdades, descansando em Deus quanto à sabedoria e à força, pode ombrear com seu marido como conselheira, companheira e coobreira, sem todavia nada perder de sua graça feminina e sua modéstia. Ela pode elevar o próprio caráter e, assim fazendo, está elevando e enobrecendo o caráter de sua família, e exercendo poderosa se bem que inconsciente influência nos que a rodeiam. Por que não havia de a mulher cultivar o intellecto? Por que não havia ela de corresponder ao desígnio de Deus em sua existência? Por que não podem elas compreender suas próprias faculdades e, reconhecendo que essas faculdades lhes são dadas por Deus, se esforcem por empregá-las ao mais alto grau em fazer bem aos outros, em promover o progresso da obra de reforma, de verdade e bondade real no mundo? Satanás sabe que as mulheres têm um poder de influência para o bem ou para o mal; procura, portanto, alistá-las em sua causa. — *Idem*, pág. 467.

Reposa sôbre a mulher do ministro uma responsabilidade a que ela não deve, nem pode levemente eximir-se. Deus há de requerer dela o talento que lhe foi emprestado, com usura. Cumpre-lhe trabalhar fiel e zelosamente, em conjunto com o próprio marido, para salvar almas. Nunca deve insistir com seus próprios desejos, ou manifestar falta de interesse no trabalho do espôso, ou entregar-se a sentimentos de saudade ou descontentamento. Todos êsses sentimentos naturais devem ser vencidos. É preciso que ela tenha na vida um desígnio, o qual deve ser levado a efeito sem vacilação. Que fazer se isto se acha em conflito com os sentimentos, prazeres e gostos naturais? Es-

tes devem ser pronta e animosamente sacrificados, a fim de fazer bem e salvar almas.

As espôsas dos ministros devem viver uma vida devota e de oração. Mas algumas gostariam de uma religião na qual não há cruces, e que não exige abnegação e esforço da sua parte. Em lugar de se manterem nobremente por si mesmas, repousando em Deus quanto a forças, e fazendo face a suas responsabilidades individuais, elas levam a maior parte do tempo dependendo de outros, dêles derivando sua vida espiritual. Se tão sômente se apoiarem confiantemente, numa confiança infantil, em Deus, e concentrassem em Jesus suas afeições, recebendo sua vida de Cristo, a videira viva, que soma de bem não poderiam elas realizar, que auxílio poderiam ser a outros, que apoio para seus maridos! E que recompensa não seria a sua afinal! — *Idem*, págs. 674 e 675.

Admirável é a missão das espôsas e mães e das obreiras mais jovens. Se quiserem, podem exercer uma influência para o bem em todos quantos as cercam. Pela modéstia no vestuário e circumspeção na conduta, podem dar testemunho da verdade em sua simplicidade. Podem fazer sua luz brilhar de tal forma perante todos, que outros vejam suas boas obras e glorifiquem a seu Pai que está nos Céus. Uma mulher verdadeiramente convertida exercerá poderosa influência, transformadora, para o bem. Ligada a seu marido ela o pode ajudar em seu trabalho, tornando-se instrumento em animá-lo e beneficiá-lo. Quando a vontade e o caminho são postos em submissão ao Espírito de Deus, não há limites ao bem que se pode realizar. — *Idem*, págs. 467 e 468.

Se a espôsa de um ministro o acompanha em viagens, não deve ir apenas para o seu próprio prazer, para visitar e ser servida, mas para trabalhar com êle. Ela deve ter os mesmos interesses que êle em fazer bem. Convém que tenha boa vontade de acompanhar o marido, caso os cuidados da casa a não impeçam, e deve ajudá-lo em seus esforços para salvar almas. Com mansidão e humildade, mas todavia com confiança em si mesma, ela deve exercer no espírito dos que a rodeiam uma influência orientadora, desempenhando seu papel e levando sua cruz e encargos na reunião, em tôrno do altar de família e na conversação no círculo familiar. O povo assim o espera, e se essa expectativa se não realiza, a influência do marido é destruída por mais da metade.

A espôsa de um ministro pode fazer muito, se quer. Se fôr dotada de espírito de sacrifício, e tiver amor pelas almas, poderá fazer com êle outro tanto de bem. Uma irmã obreira na causa da verdade pode compreender e tratar, especialmente entre as irmãs, de certos casos que se acham fora do alcance do ministro. — *Idem*, pág. 675.

Advertências Específicas

As espôsas de nossos ministros, especialmente, devem ser cuidadosas em não se apartar dos claros ensinamentos da Bíblia na questão do vestuário. Muitos consideram essas ordens demasiadamente antiquadas para serem observadas; mas Aquêle que as deu a Seus discípulos compreendia os perigos do amor do vestuário em nossos tempos, e mandou-nos a advertência. Atendê-las-emos e seremos sábios? Cresce de contínuo a extravagância no vestir. Ainda não é o fim. A moda varia sempre, e nossas irmãs seguem-lhe a esteira, a despeito de tempo ou despesas. Grande é a quantidade de dinheiro despendida em roupas, quando devia ser devolvida a Deus, o doador. — *Idem*, págs. 675 e 676.

Tudo isso [o uso da aliança] é desnecessário. Use a espôsa do ministro o elo de ouro que lhe une a alma a Jesus Cristo, o caráter puro e santo, o amor verdadeiro, a mansidão e piedade, que são o fruto produzido pela árvore cristã, e sua influência estará segura em qualquer parte. . . . Os norte-americanos podem fazer compreender sua atitude, afirmando simplesmente que o costume não é considerado obrigatório em seu país. Não precisamos usar o sinal, pois não somos infiéis ao voto matrimonial, e o uso do anel não seria prova de que somos fiéis. . . . Nem um real deve ser gasto num anelzinho de ouro para testificar que somos casados. Nos países onde o costume é imperativo, não nos preocupamos em condenar os que têm o anel de casamento; usem-no se o podem fazer conscienciosamente; mas não julguem nossos missionários que o uso do anel lhes aumentará um jota ou um til da influência. — *Testimonies to Ministers*, págs. 180 e 181.

Essas irmãs se acham intimamente ligadas com a obra de Deus, uma vez que Êle lhes chamou o marido para pregar a verdade presente. Esses servos, se são verdadeiramente chamados por Deus, sentirão a importância da verdade. Acham-se colocados entre os vivos e os mortos, e devem velar pelas almas como quem tem de dar contas por elas. Solene é sua vocação, e sua companheira pode ser uma grande bênção ou uma grande maldição para eles. Elas os podem animar, quando abatidos, confortar quando aflitos, e estimulá-los a olhar para cima e confiar plenamente em Deus quando lhes desfalece a fé. Ou podem tomar direção contrária, olhar para o lado sombrio, achar que têm uma vida penosa, deixar de exercer fé em Deus, falar a seus companheiros sobre suas provações e mostrar incredulidade, condescender com um espírito de queixa e murmuração, e ser um pêso morto, e mesmo uma maldição para eles. . . .

Uma espôsa não santificada é a maior maldição que um ministro pode ter. Aquêles dos servos de Deus que tiverem e têm ainda o infortúnio de ter em casa essa ressecante influência, devem dobrar de orações e vigilância, tomar uma posição firme, decidida, e não deixar que essa escuridão os deprima. Importa que se apeguem mais estreitamente a Deus, sejam firmes e decididos, governem bem sua própria casa, e vivam de maneira que tenham a aprovação de Deus e o vigilante cuidado dos anjos. Se, porém, cederem aos desejos de suas não consagradas companheiras, virá sobre sua morada o desagrado divino. A arca de Deus não pode habitar na casa, porque eles as

apoiam e sustêm em seus erros. — *Evangelismo*, págs. 677 e 678.

Lembre-se a mulher de ministro que tem filhos, que na própria casa ela tem um campo missionário onde deve trabalhar com infatigável energia e inquebrantável zêlo, sabendo que os resultados de sua obra perdurarão por tôda a eternidade. Não são as almas de seus filhos de tanto valor como as dos pagãos? Cuide, pois, dêles com amável solicitude. Cabe-lhes a responsabilidade de mostrar ao mundo o poder e a excelência da religião no lar. Ela deve ser regida por princípios, não por impulsos, e operar com a consciência de que Deus é seu ajudador. Não deve permitir que coisa alguma a distraia de sua missão.

É de infinito valor a influência de uma mãe intimamente ligada a Cristo. Seu ministério de amor faz do lar uma Betel. Cristo coopera com ela, transformando a água da vida comum no vinho do Céu. Seus filhos crescerão para lhe ser uma bênção e uma honra nesta vida e na que há de vir.

Se homens casados vão trabalhar, deixando a espôsa a cuidar dos filhos em casa, a espôsa e mãe está plenamente fazendo uma obra tão grande e importante como o marido e pai. Enquanto um se encontra no campo missionário, a outra é uma missionária no lar, sendo seus cuidados e ansiedades e encargos freqüentemente muito maiores que os do espôso e pai. A obra da mãe é solene e importante — moldar o espírito e o caráter dos filhos, prepará-los para serem úteis aqui, e habilitá-los para a vida futura imortal.

O marido, em pleno campo missionário, pode receber a honra dos homens, ao passo que a lidadora do lar talvez não rebeba nenhum louvor terrestre por seus labôres; mas, em ela trabalhando o melhor possível pelos interesses de sua família, buscando moldar-lhes o caráter segundo o Modelo divino, o anjo relator escreve-lhe o nome como o de um dos maiores missionários do mundo.

A mulher do missionário pode ser-lhe um grande auxílio em buscar tornar-lhe mais leves as responsabilidades, se mantém sua própria alma no amor de Deus. Ela pode ensinar a Palavra aos filhos. Pode dirigir sua casa com economia e prudência. Em união com o marido, pode educar os filhos em hábitos de economia, ensinando-os a restringir suas necessidades. — *Idem*, págs. 676 e 677.

A espôsa do ministro pode fazer trabalho amplo, se reconhecer sua subordinação a Cristo, e nEle encontra a sua total suficiência. Fraco é o trabalho que cada um de nós pode fazer, embora consagremos a Deus tôdas as nossas facultades. Mas se assim nos não consagrarmos, tornamo-nos pedras de tropeço. Insisto com todos quanto à necessidade de buscar alcançar as mais elevadas normas de espiritualidade. Pouco valor tem a mera forma de piedade, realmente é uma verdadeira maldição quando o coração não está renovado, não regenerado. Grandes responsabilidades recaem sobre a espôsa do missionário. Grandemente dependerá de se ela está ajuntando tesouros celestiais, ou deixando que a mente aprenda coisas de somenos importância. Se se preocupa com as coisas celestiais, terá o verdadeiro espírito missionário; seu amor às almas dela brotará em torrentes copiosas, e constringê-la-á a buscar e salvar os perdidos. — *The Review and Herald*, março 11, 1902.



NOTAS E NOTÍCIAS

A Segunda Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas

Informação enviada à redação de The Ministry, de Evanston, Illinois, EE. UU., sede da Segunda Assembléia do Concílio Mundial de Igrejas, imediatamente depois de ocorridos os sucessos relatados.

NO "Soldier's Field" de Chicago, uma imensa reunião pública de adoração, de que participaram 125.000 pessoas, serviu de apoteose para o dia inaugural da Segunda Assembléia do Concílio Mundial de Igrejas. Para a apresentação desse grande festival de fé, 4.000 pessoas procedentes das igrejas da zona de Chicago haviam sido previamente ensaiadas.

"Cristo: A Esperança do Mundo" foi apresentado em três partes: a Criação, a Redenção e a Consumação. As representações, a música e a dramatização fizeram deste espetáculo alguma coisa para ser lembrada durante muito tempo. O tema era a história da criação; a tentação do homem e a queda; sua degradação, que degenerou na violência e selvageria; sua salvação por meio da morte expiatória de Cristo; e sua redenção completa e final quando os reinos deste mundo passarem para as mãos de nosso Senhor. A narração estava redigida em linguagem bíblica, especialmente com base em passos diretos das Sagradas Escrituras. A festa culminou quando toda a assistência se pôs de pé com os braços erguidos, enquanto o diretor cantava: "Vem, Senhor Jesus." Então o imenso coro repetiu duas vezes as palavras: "Vem, Senhor Jesus."

Todos estão concordes em que este concílio passará para a história. Tem-se por propósito que seja um passo no caminho para conseguir a vitória sobre a desunião das igrejas. Como o declarou o bispo Nygren numa das reuniões: "Se fôssemos um em Cristo não estaríamos reunidos aqui, e se não estivéssemos desunidos tampouco aqui nos encontraríamos."

Não é possível, de início, avaliar "in totum" a importância desse Concílio Mundial. Não podemos predizer-lhe os efeitos finais sobre a igreja em conjunto, ou sua contribuição, se é que haverá alguma, para a grande tarefa de despertar os homens para que vejam que o Senhor logo irá voltar com poder e grande glória. A diversidade de conceitos teológicos poderá, inclusive, produzir desunião nas considerações do Concílio. De fato, os próprios dirigentes têm a consciência dessa possibilidade, mas agradecemos a Deus por estar-se estudando Sua Palavra ao mesmo tempo que se põe ênfase na grande doutrina de que "Cristo" é "a esperança do mundo."

A nota predominante do Concílio, tal como a apresentou o Dr. Edmund Schlink, da Universidade de Heidelberg, Alemanha, resultou numa apresentação inspiradora da mensagem do segundo advento. O Dr. Schlink descreveu este mundo como tomado do pânico do aniquilamento, e citou pas-

sos das Escrituras tão nossos familiares que, com exceção da roupagem interessante usada por alguns dos delegados de países de ultramar, bem poderíamos haver-nos imaginado participantes de uma verdadeira reunião adventista. Nunca havíamos ouvido uma apresentação mais clara nem mais vibrante da bendita esperança.

Depois de escutarmos tão profunda apresentação deste tema das Escrituras, compreendemos melhor a amistosa declaração do diretor de um dos jornais dos Estados Unidos, que, dirigindo-se ao grupo de adventistas reunidos para assistirem ao Concílio da Imprensa, celebrado anteriormente ao Concílio Mundial de Igrejas, disse, piscando um olho: "Quando os senhores tiverem ouvido o Dr. Schlink, amanhã, sem dúvida irão pensar que conquistaram um verdadeiro converso." Certamente confortador é escutar um pregador não adventista declarar, enérgicamente: "Os dias em que vivemos são os últimos;" "o tumulto de nosso mundo é um sinal certo da vinda de Cristo;" "as dores de nosso tempo são dores de parto de uma nova criação;" "o assunto decisivo não é como podemos evitar as guerras e os desastres, mas, sim, como podemos estar em pé perante Deus;" e quando [Cristo] vier, aceitará alguns e rejeitará outros. Tomará alguns para a vida, e outros para a morte."

Depois, dirigindo um apelo para o reavivamento do verdadeiro evangelismo, pôs ênfase em que "a possessão desta verdade requer de nós que a partilhemos... O Concílio Mundial tinha razão ao escolher o evangelismo como tema da segunda sessão da assembleia... Aquêles que esperam o Redentor são constrangidos pelo Seu mandato de pregar o Evangelho. Assim como nos libertou das amarras do mundo, envia-nos de novo ao mundo para que convidemos outros a que gozem da mesma liberdade. Este mandato obriga a todos quantos esperam em Cristo. Ninguém pode conservar silenciosamente a esperança para si mesmo sem perdê-la. Este mandato nos torna devedores para com todos os homens, porque Deus quer que ninguém pereça... O mandato de Deus, o Redentor, requer de nós a maior pressa. Não sabemos quanto tempo nos resta."

A seguir pôs ênfase em que a dificuldade consiste em nos termos ocupado principalmente com os "métodos do evangelismo." Devéramos ocupar-nos mais do "conteúdo do evangelismo." Não nos compete levar o mundo aos pés de Cristo. Faz muito já que Deus pôs o mundo debaixo de Si. Só temos que dizer ao mundo quem é o seu verdadeiro Senhor. Não nos compete salvar os homens. Cristo quer somente usar-nos como Suas testemunhas para, por meio de nós, poder falar e realizar Ele próprio Sua obra salvadora... Não pregamos o Evangelho a fim de preservar o mundo. Cumprimos nossa responsabilidade para a salvação do mundo, com o fito de que muitos possam ser salvos pela cruz." (Cont. na pág. 20.)